



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

RIVANDO MARQUES DOS SANTOS

DIÁRIOS DE AULA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM DOCENTE EM
BIOLOGIA: é possível traçar o meu perfil de professor?

FORTALEZA

2021

RIVANDO MARQUES DOS SANTOS

DIÁRIOS DE AULA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM DOCENTE EM
BIOLOGIA: é possível traçar o meu perfil de professor?

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S238d Santos, Rivando Marques dos.
Diários de aula no processo de formação de um docente em biologia : é possível traçar o meu perfil de professor? / Rivando Marques dos Santos. – 2021.
71 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.
1. Formação de professores. 2. Diários reflexivos. 3. Perfil docente. 4. Narrativas autobiográficas. I. Título.

CDD 570

RIVANDO MARQUES DOS SANTOS

**DIÁRIOS DE AULA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM DOCENTE EM
BIOLOGIA: é possível traçar o meu perfil de professor?**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Jeanne Barros Leal de Pontes Medeiros
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Ma. Maria Alina Oliveira Alencar de Araújo
Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC)

A Deus.

Aos meus pais, familiares, amigos, inimigos e
a mim mesmo

AGRADECIMENTOS

À Deus, energia maior que nos guia, nos rege.

À minha família, em especial aos meus pais, Regilene Marques da Silva e Raimundo Ferreira dos Santos, por toda dedicação, apoio, carinho, cuidado, paciência e respeito as minhas decisões profissionais.

Ao orientador Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva pelo acolhimento, orientação, apoio e por enfrentar comigo esta missão que é o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ao Pablo Rodrigo da Silva, secretário do curso de Ciências Biológicas, pela presteza no atendimento para com os alunos, sendo sempre solícito e cordial.

Aos professores e colegas de graduação por compartilharem experiências e conhecimentos, o que contribuiu significativamente para a minha formação durante todo o período de graduação.

Aos meus amigos do grupo BioNajas, composto por: Rayane, Vanessa, João Paulo, Mateus, Diego, Ramon, Marcos, Ana Beatriz e Teresa que fizeram destes quatro anos e meio suportáveis, e que transformaram os momentos de tristeza e agonia em momentos de risos e felicidades, e por me proporcionarem os melhores conselhos e incentivos que um amigo poderia ter.

Aos meus inimigos e invejosos que me cercam, que tentaram me gongar de alguma maneira, mas que fizeram apenas me fortalecer para mostrar que posso e tenho potencial para chegar onde eu quiser.

A todos que de maneira direta ou indireta colaboraram para a realização deste trabalho e que de alguma forma passou pela minha vida.

A minha cadelinha chamada Amora, que desde que entrou em minha vida há sete meses transformou cada dilúvio em dias ensolarados.

Por último, e o mais importante, preciso agradecer a mim mesmo pela força, coragem e por não desistir, pois sem minha garra e determinação esse sonho e essa “benção” de monografia não teria saído.

“Ou escreves algo que valha a pena ler, ou fazes algo acerca do qual valha a pena escrever.”

Benjamin Franklin

RESUMO

Os diários de aula são ferramentas pedagógicas importantes que auxiliam a formação continuada de professores fazendo-os pensar e (re)pensar sua prática como sujeitos passíveis de transformação. O objetivo deste trabalho é evidenciar o meu perfil de professor por meio dos meus diários de aula utilizados como instrumento de reflexão a partir de minha atuação como estudante de licenciatura em Ciências Biológicas em meus estágios supervisionados. A abordagem de investigação utilizada é de cunho qualitativo utilizando como material empírico narrativas do estagiário nos seus diários de aula. Foi verificado que, por meio das narrativas presentes nos diários o perfil do estagiário ficou claro: mostrando que como professor estagiário estimei a relação de proximidade, de abertura com os alunos, procurei novos conhecimentos, sou crítico, curioso, estimulador do desenvolvimento autônomo do estudante, transmissor de conhecimento, criador de participação e auto-organizado no âmbito pessoal e profissional. A pesquisa mostra que por meio de diários é possível que os indivíduos repensem suas ações por meio de suas próprias narrativas, vivências e história, como maneira de construir sua identidade própria tanto no que diz respeito ao profissional como pessoal, já que cada indivíduo é único, tem sua própria maneira de pensar, agir e viver.

Palavras-chave: Formação de professores. Diários reflexivos. Perfil docente. Narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

The class diaries are important pedagogical tools that help the continuing education of teachers by making them think and (re) think their practice as subjects that can be transformed. The objective of this work is to highlight my teacher profile through my class diaries used as a reflection tool from my performance as a graduate student in Biological Sciences in my supervised internships. The research approach used is of a qualitative nature, using the trainee's narratives as empirical material in his class diaries. It was verified that, through the narratives present in the diaries, the trainee's profile was clear: showing that as a trainee teacher I stimulated the relationship of closeness, openness with the students, I sought new knowledge, I am critical, curious, stimulating the autonomous development of the student, transmitter of knowledge, creator of participation and self-organized on a personal and professional level. Research shows that through diaries it is possible for individuals to rethink their actions through their own narratives, experiences and history, as a way to build their own identity both with regard to professional and personal, since each individual is unique, has its own way of thinking, acting and living.

Keywords: Teacher training. Reflective diaries. Teacher profile. Autobiographical narratives.

RESUMEN

Los diarios de clase son importantes herramientas pedagógicas que ayudan a la formación continua de los docentes haciéndoles pensar y (re) pensar su práctica como materias susceptibles de transformación. El objetivo de este trabajo es resaltar mi perfil docente a través de mis diarios de clase utilizados como herramienta de reflexión de mi desempeño como estudiante de posgrado en Ciencias Biológicas en mis prácticas supervisadas. El enfoque de investigación utilizado es de carácter cualitativo, utilizando las narrativas del alumno como material empírico en sus diarios de clase. Se constató que, a través de las narrativas presentes en los diarios, el perfil del aprendiz era claro: demostrando que como docente en formación estimulé la relación de cercanía, apertura con los alumnos, busqué nuevos conocimientos, soy crítico, curioso, estimulando el desarrollo autónomo del alumno, transmisor de conocimientos, creador de participación y autoorganizado a nivel personal y profesional. Las investigaciones muestran que a través de los diarios es posible que los individuos replanteen sus acciones a través de sus propias narrativas, vivencias e historia, como una forma de construir su propia identidad tanto en lo profesional como en lo personal, ya que cada individuo es único, tiene su propia forma de actuar. pensar, actuar y vivir.

Palabras clave: Formación docente. Diarios reflectantes. Perfil del profesor. Narrativas autobiográficas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. -	Primeira observação feita na escola.....	26
Figura 2. -	Texto elaborado em casa com as observações coletadas.....	26
Figura 3. -	Fragmento do diário digitado e referenciado.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPP	Projeto Político Pedagógico
RE	Regimento Escolar
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ESEM I	Estágio Supervisionada no Ensino Médio I
ESEM II	Estágio Supervisionado no Ensino Médio II

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1 Formação inicial de professores.....	16
2.2 Diários de aula	18
2.3 Perfil de professor.....	21
3 METODOLOGIA.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1 Saberes emergentes da observação.....	28
4.1.1 <i>Diário 01.....</i>	<i>28</i>
4.1.2 <i>Diário 02.....</i>	<i>31</i>
4.1.3 <i>Diário 03.....</i>	<i>32</i>
4.1.4 <i>Diários 04 e 05.....</i>	<i>35</i>
4.2 Saberes que emergiram das regências.....	38
4.2.1 <i>Diários 06, 07 e 08.....</i>	<i>38</i>
4.2.2 <i>Diários 09, 10 e 11.....</i>	<i>45</i>
4.3 Perfil de professor evidenciado por meio dos saberes.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
6 REFERÊNCIAS.....	52
7 APÊNDICES.....	60

1 INTRODUÇÃO

A ideia para a presente pesquisa surgiu de uma atividade realizada durante os meus Estágios Supervisionados do Ensino Médio (ESEM) I e II do curso de Ciências Biológicas realizados em semestres diferentes. A atividade foi a escrita de diários – forma de registro de toda a prática docente realizada no estágio - que abordasse todas as ações realizadas ao longo do semestre pelo estagiário, sendo elas de observação e regência para compor uma parte de nossa avaliação enquanto alunos do respectivo Estágio Supervisionado. O estágio era dividido nas seguintes etapas: ETAPA I) introdução pelo professor de estágio sobre a escrita dos diários; ETAPA II) atividades de observação e regência na escola escolhida para estágio; ETAPA III) elaboração dos diários.

Durante a realização do ESEM I e II, trabalhei com uma turma de 1º e 3º ano. Iniciei minhas atividades conhecendo um pouco da rotina da escola, observando o comportamento dos professores (interação professor-aluno, professor-gestão escolar) principalmente o de biologia, o funcionamento de laboratórios e biblioteca, a organização e as atividades realizadas pela gestão escolar. Além disso, realizei a observação de aulas do professor de biologia, aplicações e elaboração de provas e ministrei aulas na turma que este professor atuava. Estas aulas foram meu primeiro contato com a prática docente. No fim do dia, escrevia um diário que continha todas as tarefas realizadas por mim, minhas frustrações, anseios, opiniões pessoais e fundamentação teórica na bibliografia já produzida acerca do que eu registrava nos diários.

Entretanto, algo não se encaixava em minha cabeça e me perseguiu pelos meus estágios. *Qual era a razão para escrever esses diários?* Em minha mente só vinha a seguinte resposta: serve apenas para perder tempo e ganhar nota. Nesse momento, minha mente estava fechada para o quão importante seriam esses diários em um futuro próximo. Alguns meses depois de ter concluído todos os diários e estágios, me pego lendo o que escrevi, e começo a perceber ações, opiniões que o “eu” do passado havia cometido e o do presente passou a criticar e que nunca teria feito.

Foi então que comecei a juntar as peças e montar o projeto de pesquisa. No percurso de construção do projeto, me indaguei várias vezes. *Que saberes emergiram de minhas ações como estagiário? Que tipo de professor eu sou? Qual o meu perfil docente?* Todos esses questionamentos ainda me inquietam e chegou o momento de procurar respostas ou melhor,

reflexões fundamentadas nas discussões sobre estes questionamentos. Assim, comecei a fazer uma pesquisa acadêmica procurando literatura base sobre formação inicial docente.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar o meu perfil de professor iniciante, um educando estagiário do curso de Ciências Biológicas, a partir de meus diários de aula e refletir sobre os saberes que emergem de minhas práticas dos estágios, em minha constituição como educador em formação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Formação inicial de professores

O contexto cultural e socioeconômico em um dado momento histórico estimula as tendências para a formação de professores. No Brasil, revendo o contexto histórico da formação docente, observa-se que a valorização e o estímulo para a profissionalização da prática docente são ineficientes e que ao longo do tempo, somente foram estimuladas medidas sem impacto real pelo poder público (PIMENTA; GHEDIN, 2002).

Nos anos de 1960 e 1970, por exemplo, havia a valorização das tecnologias de ensino relacionadas aos aspectos da metodologia e didática, e em um segundo plano para o domínio dos conteúdos (saberes específicos). Já nos anos 1980, a respeito das ideias educacionais, foi dominado pela imensa dimensão sociopolítica da prática pedagógica (NUNES, 2001). Nesse período em questão da formação de professores, as medidas eram pautadas no modelo racional técnico, que via o professor como um mero aplicador de técnicas e de recursos didáticos (BARREIROS; GIANOTTO, 2016). Nesses moldes, pouco foi realizado para sua formação efetiva, e nada que estimulasse uma reflexão nesse processo de formação, que também se apresentava descontextualizado e nos padrões tradicionais (BARREIROS; GIANOTTO, 2016).

As reflexões devem estar inseridas em todo e qualquer processo de ensino-aprendizagem. Ressaltando essa ideia, Tardif (2002, p. 174) diz que “o processo de formação do ser humano reflete exatamente todas as possibilidades e todas as matizes dos seres que somos”. Assim, o significado de formação é algo complexo para o indivíduo, iniciando-se em seu nascimento e reproduzindo nos comportamentos e normas que irão orientar a sua vida e expressar o que lhe é subjetivo. Para que se tenha essa formação autônoma, são necessárias três dimensões essenciais: preparação acadêmica, preparação profissional e prática profissional (NÓVOA, 1992).

A idealização de um modelo teórico que consiga orientar a formação do professor trouxe consigo uma concepção negativa da prática pedagógica e dos saberes docentes (NÓVOA, 1992). Há alguns anos, no âmbito dos cursos de licenciatura, ocorreu um enfoque na renovação da formação de professores, por meio de tendências contemporâneas e movimentos internacionais, que se direcionam à valorização da prática docente e dos saberes

didático-metodológicos necessários a essa prática (NUNES, 2001; TEIXEIRA, 2004). Práticas essas que buscam fugir do racionalismo técnico e do ensino tradicional, fugindo da ideia de ter como centro de detenção e transmissão de conhecimento o professor, seguindo ao encontro da racionalidade prática docente, que nas atuais pesquisas passa a ser entendida como eixo central do currículo da formação de professores, constituindo-se como o ponto de partida do currículo de formação (TEXEIRA, 2002)

A reflexão sobre a prática docente estimulou o desenvolvimento de novas tendências relacionadas as competências e saberes (TARDIF, 2002; PIMENTA; GHEDIN, 2002). Esses saberes quando unidos à crítica, levam o professor a dar outro sentido a sua atuação e a relativizar constantemente seus conhecimentos (SCHÖN, 2000; PIMENTA; GHEDIN, 2002; ZEICHNER, 2008). Nesse sentido, as novas tendências buscam a formação da identidade docente (PIMENTA, 2005; CARDOSO, 2010; FERREIRA, 2011), sem que haja a separação entre a identidade pessoal e profissional do professor (NÓVOA, 1992). Desse modo,

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p. 14).

Na mesma perspectiva do ensino reflexivo, a construção dos saberes da docência advém do conhecimento extraído das experiências práticas, que na formação inicial são desenvolvidos durante os estágios, mas acompanham o profissional professor por toda a vida (BARREIROS; GIANOTTO, 2016).

Para a compreensão do que são os saberes da docência, Pimenta (2005) assinala que eles são as habilidades que construirão a “identidade docente”. A autora pontua que essa identidade é formada pelo significado que cada professor como indivíduo único, ator e autor de suas ações de gerar suas atividades docentes baseadas em seus valores pessoais, e que tal identidade é passível de mudança. Essa construção, que se inicia na formação inicial, ocorre fundamentada nos saberes da docência que Pimenta (2005) divide em: “saberes da experiência”, “saberes do conhecimento” e “saberes pedagógicos”. A autora define que o primeiro vem da experiência da prática docente, que serão construídos no cotidiano escolar, nos planejamentos com os colegas e outros. O segundo, os “saberes do conhecimento”, requer profundidade e mergulha-se na compreensão do significado de ensinar determinado conteúdo. Os “saberes pedagógicos”, segundo a autora, é a reflexão do que se faz na prática e é derivado

dos dois conhecimentos anteriores (PIMENTA, 2005). Ela ainda salienta, que é no desenvolvimento desse último saber que se faz tão necessária a relação entre teoria e prática, visto que “os saberes pedagógicos podem colaborar com a prática, sobretudo, se forem mobilizados com base nos problemas que a prática coloca, entendendo a dependência da teoria em relação à prática, pois esta lhe é interior” (PIMENTA, 2005, p. 27-28).

A identidade docente referida por Pimenta (2005) foi anteriormente explorada por Nóvoa (1992) no momento em que esse aborda o quão complexo é compreender o processo de formação docente, uma vez, que o professor é uma pessoa, e uma parte importante dessa pessoa é o professor (NIAS *apud* NÓVOA, 1992). Na visão de Nóvoa (1992), é preciso buscar meios para que se realize a interação entre as dimensões pessoais e profissionais para que o professor se aproprie dessa formação e construa a sua identidade pessoal. Ele ainda destaca que não se pode confundir os termos “formar” e “formar-se”, pois a lógica das atividades educativas nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação. De acordo com Nóvoa (1992, p. 13), “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. Sabendo que existem diversas ferramentas de construção da identidade docente, destacaremos uma delas: o diário de aula.

2.2 Diários de aula

A palavra “diário” apresenta vários sentidos além de seu original. No dicionário Aurélio século XXI, a terceira acepção da palavra é “obra em que se registram diária ou quase diariamente acontecimentos, impressões e confissões” (FERREIRA, 1999 p. 677). Aqui nesse trabalho entenderemos o diário como um registro da prática docente (PORLÁN e MARTÍN, 1997).

Historicamente, a introdução dos diários de aula na sociedade se deu quando as moças, que eram proibidas de frequentar as escolas, realizavam anotações diárias em seus cadernos, que eram lidos e corrigidos por suas mães ou por outras pessoas. Entretanto, tal ferramenta começou a ser mal vista pela sociedade e pela igreja, uma vez, que as moças passaram a escrever em seus diários seus anseios e angústias o que eram considerados um desvirtuamento dos bons costumes (GALIAZZI; LINDEMANN, 2003). Como se pode observar, a primeira

função dos diários foi a de aprendizado da leitura e da escrita por meninas que não tinham acesso à escola. Nessa acepção,

O gênero diário se impôs em decorrência de fatos históricos e sociais que propagavam princípios sociais como a liberdade e a igualdade, mas que não se cumpriam na concretude da vida do indivíduo. O diário passou assim a ser usado como forma de construir sua própria história (GALIAZZI; LINDEMANN, 2003, p.137).

Assim os diários segundo Liberari (1999) “por trabalharem a objetividade da situação através da versão subjetiva que os sujeitos dão a ela e a subjetividade da situação através dos dados objetivos que o próprio documento pessoal proporciona” se tornam um gênero de linguagem.

Dessa forma, podemos compreendê-los como um “gênero único”, e algumas de suas características são definidas por Liberari (1999), tais como a ausência de destinatário empírico; o papel acentuado do superdestinatário; o estabelecimento de contrato de confiança entre produtor e possível destinatário para a compreensão responsiva desse destinatário; a atribuição de franqueza, pelo locutor, ao discurso produzido; a presença de referentes afetivos e cognitivos; a construção de mundo discursivo temporalmente conjunto ao da situação de comunicação; a implicação do locutor, do tempo e do espaço da situação material de comunicação; a ausência de preocupação com procedimentos de textualidade como coesão e coerência; os objetivos múltiplos; e a criação de espaço para a constituição de subjetividades.

Em uma visão didático-pedagógica, Galiazzi e Lindemann (2003, p. 139) afirmam que “as reflexões dos alunos a partir desse procedimento também apontam para o diário como instrumento mediador de reflexões e aprendizagens sobre ser professor”. Apoiando essa ideia Porlán e Martín (1991) e Pietro (2003) argumentam que o diário do professor constitui um importante e valioso instrumento de análise do pensamento reflexivo de professores tanto em formação como em exercício. Ainda conforme Pietro (2003), o diário da prática pedagógica possibilita o abandono de condutas robotizadas e rotineiras nas classes, potencializando a capacidade dos docentes como geradores de conhecimento profissional ao mesmo tempo que permite a reflexão.

Acreditamos, então, que o processo reflexivo na formação inicial de professores pode ser estimulado pelo uso do diário de aula (PORLÁN; MARTÍN, 1991; LIBERARI, 1999; GALIAZZI; LINDEMANN, 2003; PIETRO, 2003), uma vez que o diário se torna uma espécie de guia, onde sempre é possível voltar aos registros para rever o que foi realizado

(OLIVEIRA, 2014). A estratégia dos trabalhos aqui citados é a de utilizar os diários de aula para acompanhar as ações realizadas no período de formação do professor (inicial e continuada).

Zabalza (2004) atesta que o diário propicia ao docente a autorreflexão de sua atuação/ação, o que lhe permite explorar sua prática e identificando possíveis erros e futuras melhorias, tornando-o autocrítico e investigador de seu desempenho, além de um pesquisador do ensino. Corroboramos com os autores e, na busca de promover a reflexão na formação dos docentes, defende-se que “produzir um diário não é simplesmente expressar o que se pensa, mas uma forma de perceber os próprios pensamentos, e mais que isto, uma forma de elaborar esses pensamentos” (MACHADO *apud* GALIAZZI; LINDEMANN, 2003, p. 137).

Com isso, temos algumas pesquisas que se dedicaram a estudar o instrumento diário e investigam a promoção da reflexão dos participantes com sua utilização. Silva e Duarte (2001) utilizaram o diário para avaliar os resultados desse instrumento com estagiários de Biologia/ Geologia em formação, em Portugal. O objetivo do trabalho foi avaliar o quanto o discurso do professor orientador do estágio supervisionado influencia nas ações e nas reflexões dos estagiários. Segundo as autoras, o discurso dos estagiários, cuja orientação apresentava-se reflexiva, denotava participantes também reflexivos. Ainda na visão das autoras, a potencialidade do diário ficou demonstrada nos trechos em que os estagiários realizaram agradecimentos pela intervenção, que havia propiciado grande reflexão sobre o trabalho por eles realizado.

Outro exemplo de análise desenvolvida com diário de aula é o de Pedroso e Rosso (2004) o qual foi preenchido durante o período de estágio supervisionado de estudantes de Matemática. Os autores afirmam que os resultados da análise demonstraram que o diário apresentou subsídios para mudanças significativas da disciplina e favoreceu de forma expressiva a construção de competências e de problematizações dos processos de ensino e aprendizagem, a autoanálise dos estagiários e fomentou o redimensionamento de suas ações futuras.

Como se pode observar, as ações pedagógicas quando se incorpora os diários pedagógicos, proporciona ao professor uma autorreflexão, o que lhe permite esmiuçar suas ações identificando erros e formas para aprimorar sua prática. Outro autor que estimula o uso do diário de aula é Porlán (1987), para quem o diário do professor é uma ferramenta

significativa no processo reflexivo, um instrumento básico para a investigação na aula, pois pode adaptar-se, por seu caráter pessoal, a todo tipo de circunstâncias.

2.3 Perfil de professores

Cada professor em sua profissão faz um percurso que pode ser entendido como uma junção de vários processos. Em grande parte, tais processos costumam englobar o desenvolvimento pessoal (físico, intelectual, afetivo, social, vocacional, das capacidades, da personalidade), a profissionalização, a aquisição e o aperfeiçoamento de competências de eficácia de ensino e de organização do processo ensino-aprendizagem, a socialização ocupacional (interativa, de adaptação ao grupo profissional e normativa) e a perspectiva de construção da identidade profissional (GONÇALVES, 2000; LOUREIRO, 1997; SILVA, 1997).

Segundo Farias, Shigunov e Nascimento (2001) o percurso profissional realizado pelo docente é marcado por vários acontecimentos, que indicam a passagem de uma etapa para a seguinte, o que resulta na construção de modelos de fases ou de ciclos de desenvolvimento profissional. Diante disso, vários autores tentaram estudar e compreender o desenvolvimento profissional docente.

Huberman (2000) construiu uma classificação que aborda o desenvolvimento profissional docente a partir de “ciclos de vida profissional”, explicitando detalhadamente as principais características que eles apresentam em cada uma das fases vivenciadas. Sendo elas entrada na carreira, estabilização, fase da diversificação, fase da serenidade e fase do desinvestimento.

Feiman- Nemser (1982) propõem modelos em que os estágios percorridos pelos professores se iniciam antes mesmo da sua formação e entrada no campo de intervenção profissional. Modelos esses que separados em fase de pré-treinamento, fase de preservação, fase de indução (primeiro ano de ensino) e fase de serviço (resto da carreira profissional). Rodrigues (1987) apresenta uma conotação distinta do desenvolvimento profissional, caracterizando-o por fases de capacitação em serviço.

Assim juntamente com a carreira profissional, o docente incorpora em si um perfil profissional, sendo este marcado por interferências pelo seu desenvolvimento biológico, processos estruturais, dinâmicas institucionais e da individualidade complexa de cada indivíduo (CAVACO, 1990, 1999). Tais perfis giram em torno de algumas características, sendo elas: ter criticidade e ser curioso (FREIRE, 1996), estimulador do desenvolvimento autônomo do estudante (BRASIL, 2012 e WERNECK, 1992), transmissor de conhecimento e criador de participação (GADOTTI, 1975), comunicativo (FREIRE, 2005), saber renovar-se sempre que necessário e se auto organiza-se pessoalmente e profissionalmente (MORAES, 2008).

3. METODOLOGIA

Este trabalho busca evidenciar o meu perfil de professor, um docente em formação por meio dos meus diários de aula produzidos durante os meus estágios obrigatórios do curso de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas em turmas do ensino médio em uma escola pública (uma turma de 1º ano e uma turma de 3º ano).

Esta pesquisa é de cunho qualitativo apoiada em Lüdke e André (2003) uma vez que: 1) teve o ambiente natural como sua principal fonte de dados, 2) houve uma maior preocupação com os processos do que com os produtos e 3) os dados recolhidos foram preferencialmente descritivos (p11-12). Como caminho metodológico foi abordado a investigação narrativa (auto)biográfica, ancorados nos autores Michael Connelly, Jean Clandinin (1995) e Jorge Larrosa (1996), a fim de utilizar os registros empíricos como ferramenta de análise. Para Connelly e Clandinin (1995),

La narrativa es tanto el fenómeno que se investiga como el método de la investigación. ‘Narrativa es el nombre de esa cualidad que estructura la experiencia que va a ser estudiada, y es también el nombre de los patrones de investigación que van a ser utilizados para su estudio. Para preservar esta distinción usaremos un recurso razonable y ya bien estalecido: llamar ‘historia’ o ‘relato’ al fenómeno y ‘narrativa’ a la investigación. Así, decimos que la gente, por naturaleza, lleva vidas “relatadas” y cuenta las historias de esas vidas, mientras que los investigadores narrativos buscan describir esas vidas, recoger y contar historias sobre ellas, y escribir relatos de la experiencia (p. 12).

Assim, seguindo os princípios da investigação narrativa, procuro narrar essas histórias que eu vivenciei ao longo de meus estágios, porém ao trabalhar com essas narrativas, sei que estou transformando-as, ressignificando-as, a partir do meu olhar e das teorias que me constituem e que, portanto, estou produzindo outras narrativas.

O uso dessa metodologia se faz pertinente no campo de estudos em questão, uma vez que os sujeitos estão sempre contando e (re)contando histórias e que são essas narrativas que acabam constituindo os sujeitos.

La investigación narrativa se utiliza cada vez más en estudios sobre la experiencia educativa. Tiene una larga historia intelectual tanto dentro como fuera de la educación. La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismos que, individual y socialmente, vivimos vidas relatadas. El estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo. De esta idea general se deriva la tesis de que la educación es la contricción y la reconstrucción de historias personales y sociales; tanto los profesores como los alumnos son contadores de historias y también personajes en las historias de los demás y en las suyas propias. (CONNELLY E CLANDININ, 1995,p.12)

Com isso, os diários foram analisados por meio da análise do discurso, tentando captar saberes que estão por trás da superfície textual dos diários, dialogando-os com os trabalhos de Pimenta (2005), Tardif (2002) e Freire (2009) sobre os saberes docentes atrelados ao ciclo de vida profissional trabalhado por Huberman (2000), dando ênfase a entrada na carreira profissional que se dá no primeiro ano de exercício.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

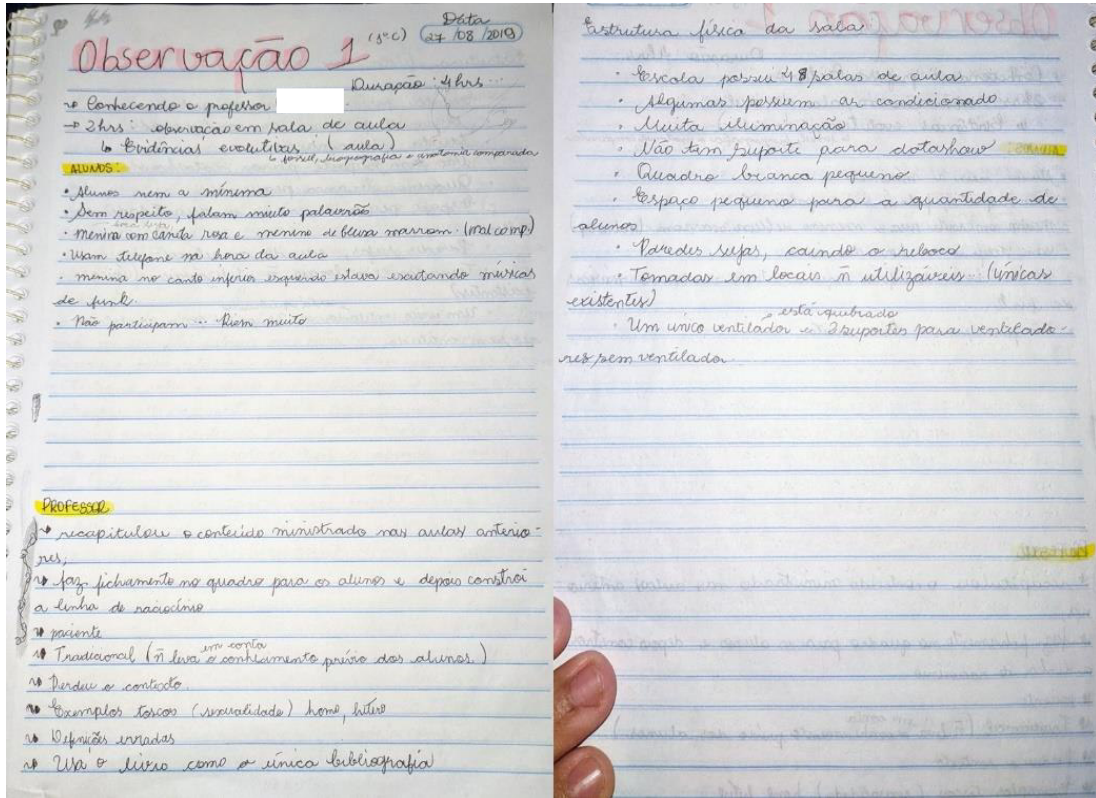
Para a construção dos dados, foram analisados um total de 11 diários produzidos pelo licenciando em formação no período em que ocorriam seus estágios obrigatórios, retirando fragmentos – escolhidos assim por serem pontos relevantes para a discussão- de cada diário para dado fim. Assim, registros de 11 momentos vivenciados por mim em meus dois estágios do ensino médio. Dentre estes registros, do 1 ao 8 são a respeito do ESEM I e do 9 ao 11 ao ESEM II. Dentre as informações encontradas estão descritas a parte estrutural da escola (biblioteca, pátio, sala dos professores, laboratórios, salas de aulas, banheiros etc.), operacional (coordenação, secretaria, aulas do professor de Biologia) e a parte de regências realizadas pelo estagiário, bem como, a bibliografia usada. No ESEM I atividades de observação e regências e no ESEM II somente atividades de regências, uma vez, que nesse foi feita a mesma observação do ESEM I.

Os estágios ESEM I e ESEM II tiveram duas etapas sendo elas de observação e regências. No primeiro momento era necessário fazer 20 horas de observações que incluía toda a parte estrutural, operacional e pedagógica. No segundo momento fazer 20 horas de regência, onde nessas horas se incluía o planejamento da aula. A cada 4 horas concretizadas se fazia um diário, que era exigido pelo professor de estágio. Inicialmente em um caderno de campo foram registradas todas as ações observadas e realizadas durante o período de estágio. O registro ocorreu totalmente dentro do ambiente escolar por meio da anotação de pontos considerados relevantes para se fazer uma análise posterior. Utilizo letras para identificar professor, coordenador, bibliotecário da escola para preservar a identidade de cada um.

Posteriormente, no caderno de campo (Figura 1) – ferramenta utilizada para escrever e descrever todas as minhas ações realizadas - foi elaborado um texto contendo todas as informações coletadas e as opiniões pessoais acerca dos dados coletados, como forma de começar a estruturar o diário que então passaria a ser produzido.

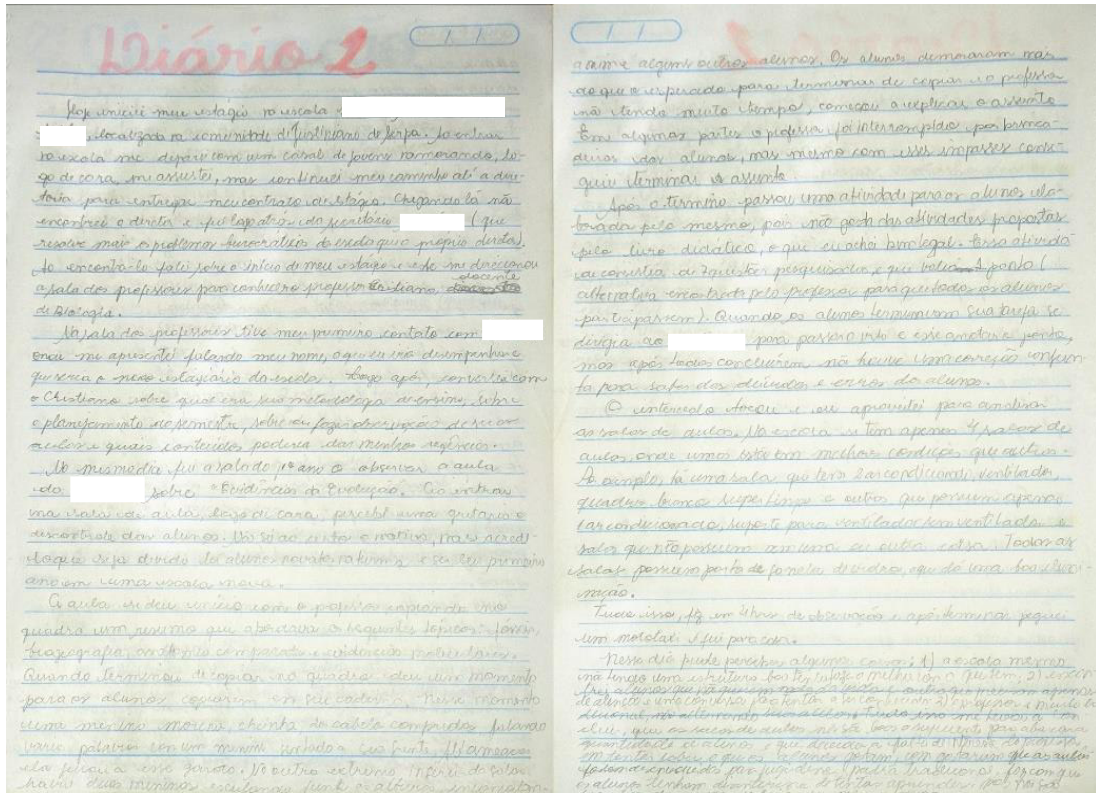
Já tendo todas as informações coletadas e elaborado o texto em casa, estava faltando apenas buscar referências que apoiassem os pontos de vistas levantados em todos os diários e passá-los para o Word, uma vez que os diários constituíam uma parte fundamental e integrante de minha avaliação nos estágios. Para o levantamento bibliográfico levei em conta a procura de autores que retratassem aquilo que eu estava sentindo no momento de escrever os diários, e que tivesse relação direta com o que eu estava escrevendo.

Figura 1. Primeira observação feita na escola



Fonte: do próprio autor

Figura 2. Texto elaborado em casa com as observações coletadas



Fonte: do próprio autor

Figura 3. Fragmento do diário digitado e referenciado

Rivando Marques

DIÁRIO 01 27/08/2019

Hoje iniciei meu estágio na escola localizada na comunidade de Justiniano de Serpa, pois o estágio é um momento de grande importância para a formação profissional do futuro educador (SILVA, 2005). Ao entrar na escola me deparei com um casal de jovens namorando. Logo de cara, me assustei, pois na escola não permitem “fícas” ou namoros à clara, somente fora dos portões da escola, mas continuei meu caminho até a direção para entregar meu contrato de estágio. Chegando lá não encontrei o diretor e fui logo atrás do coordenador Y (que resolve mais problemas burocráticos da escola que o próprio diretor). Ao encontrá-lo falei sobre meu início de estágio e este me direcionou a sala dos professores para conhecer o professor Cristiano, docente de Biologia.

Na sala dos professores tive meu primeiro contato com o X, onde me apresentei falando meu nome, o que eu iria desempenhar e que seria o novo estagiário da escola. Logo após, conversamos sobre qual era a sua metodologia de ensino, o que ele tinha planejado para o semestre, sobre eu fazer observações de suas aulas e quais conteúdos poderia trabalhar nas minhas regências. Assim, decidi de primeira mão acompanhá-lo ao 1º ano C para fazer a observação e logo começar a criar um vínculo afetivo (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010) com os alunos, pois estes vínculos poderão ser de grande valia para o meu estágio.

No mesmo dia fui a sala do 1º ano C para observar a aula do X sobre “Evidências da Evolução”. Ao entrar na sala de aula, logo de cara percebi uma gritaria e descontrole dos alunos. Não sei ao certo o motivo, mas acredito que seja devido ter alunos novatos na turma e ser seu primeiro ano na escola. O que segundo os professores é uma prática comum e que os alunos só melhoram a partir do segundo ano.

A aula deu-se início com o professor copiando no quadro um resumo que abordava os seguintes tópicos: fósseis, biogeografia, anatomia comparada e evidências moleculares. Quando terminou de copiar no quadro deu um momento para os alunos copiarem em seu caderno. Nesse momento uma menina morena, dos cabelos compridos, começou a falar vários palavrões com um menino sentado à sua frente. Até ameaças de bater no pobre garoto ela fez. No outro extremo da sala, mais precisamente ao lado da porta, havia duas meninas escutando funk pesada as alturas, incomodando a mim e alguns outros alunos. Desse incidente, em minha opinião é uma falta de respeito não

Fonte: do próprio autor

A partir do material organizado passo à análise para entender quais saberes emergem da minha prática enquanto docente de ciências e biologia em formação e conseqüentemente traçando o perfil de professor que me pertence. Segundo Barros, Longaray e Quadrado (2011) tal ferramenta possibilita ao estagiário reflexões sobre a sua prática docente, levando em consideração os fatores externos (ambiente escolar, recursos disponíveis, estrutura física, aspectos operacionais) e internos (voltados ao pessoal tais como, opiniões, dúvidas, anseios, angústias) e sobre as circunstâncias que ele viveu ao longo do processo.

Narrativas essas que constroem sujeitos, pois é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos vão construindo os sentidos de si, de suas experiências e do contexto que estão inseridos (BARROS, LONGARAY E QUADRADO, 2011). Para Larrosa (1996), a narrativa é uma modalidade discursiva, na qual as histórias que contamos e as histórias que ouvimos, produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais, passam a construir a nossa história, a dar sentido a quem somos e a quem são os outros, constituindo assim as identidades

– de gênero, sexual, racial, religiosa e profissional. Assim ao narrar, o sujeito está, ao mesmo tempo, contando, vivendo e revivendo histórias (CONNELLY; CLANDININ, 1995).

Assim, para tornar-se um profissional numa área de atuação, é requerido domínios e habilidades que vão lhe permitir executar determinadas funções, tomar decisões e agir em prol do que a profissão exige. Com isso, torna-se professor demanda um processo de construção de conhecimentos e saberes permeados de relações socio culturais, dando destaque, no caso do futuro docente em questão, a sua formação inicial docente. Tardif (2002), Pimenta (2000), Freire (2009) esclarecem que os saberes docentes não advêm somente da formação inicial, tão pouco ali se encerram. Seu processo de construção possui fontes diversas que levam em conta o sujeito professor nas suas variadas formas de ser e estar no mundo, suas experiências de vida, entre outros aspectos que lhe conferem um caráter de subjetividade. Porém, é justamente durante a formação inicial que os saberes docentes requerem um intenso investimento, contribuindo para preparar o futuro professor, de modo que este consiga começar a atuar na profissão, ampliando gradativamente seu grau de autonomia para lidar com as situações que permeiam a escola de modo geral (BLOCK; RAUSCH, 2014, p.250).

Pimenta (2005) elenca a existência dos saberes da docência divididos em saberes pedagógicos, de conhecimento e da experiência. Já Tardif (2002) utiliza o termo saber docente que está dividido em formação profissional, saberes disciplinares, curriculares e experimentais. Não menos importante, Freire (2009) em sua obra *Pedagogia da autonomia*, traz os saberes de forma mais ampla e peculiar, ligando-os intrinsecamente à prática de ensinar, categorizando-os em saberes necessários à prática educativa, sendo essa composta de três categorias, não há docência sem discência; ensinar não é transferir conhecimento e ensinar é uma especificidade humana.

4.1. Saberes emergentes das observações

4.1.1. Diário 01

No primeiro diário descrevo que minha primeira ação foi procurar o diretor, mas não o encontrei. Então parto em busca do coordenador Y, que por sua vez, me levou até a sala dos professores para eu conhecer o professor X de Biologia. Chegando na sala dos professores me apresento ao professor e lhe informo que serei o seu estagiário e quais atividades iria desempenhar. Após esse primeiro contato perguntei qual metodologia ele gostava de usar em suas aulas (no diário não fica claro, mas obtive como resposta o uso de resumos no quadro e

utilização do livro didático para mostrar imagens) e quais conteúdos poderia trabalhar em minhas regências.

Hoje iniciei meu estágio na escola Manoel Senhor de Melo Filho. Chegando lá não encontrei o diretor e fui logo atrás do coordenador (que resolve mais problemas burocráticos da escola que o próprio diretor). Ao encontra-lo falei sobre meu início de estágio e este me direcionou a sala dos professores para conhecer o professor X, docente de Biologia. Na sala dos professores tive meu primeiro contato com o X, onde me apresentei falando meu nome, o que eu iria desempenhar e que seria o novo estagiário da escola. Logo após, conversamos sobre qual era a sua metodologia de ensino, o que ele tinha planejado para o semestre, sobre eu fazer observações de suas aulas e quais conteúdos poderia trabalhar nas minhas regências. (próprio autor, diário 01)

Essa decisão descrita acima foi realizada dessa maneira, pois acredito que como era o meu primeiro contato com toda a instituição a qual eu iria estagiar, precisava ter um diálogo com o professor - que me ajudaria no processo de estágio - para assim poder me situar. Primeiro no que diz respeito ao ambiente escolar e segundo para ter em mente qual era a metodologia de ensino realizada pelo professor. Nesse fragmento fica nítido alguns saberes na prática do professor de biologia bem como na minha ação, saberes esses defendidos por Pimenta (2005) que podem ser identificados como pedagógicos para o professor, no que diz respeito as técnicas e as ferramentas que o professor usa para conduzir sua aula. E nas minhas ações o saber da experiência, pois por meio do educando pude ver em prática sua metodologia em sala de aula e como isso aprender mais sobre o estar em sala de aula.

Minha segunda ação foi de acompanhar o docente X em sua aula na turma do 1º ano C, que foi a turma que eu escolhi para observar e realizar minhas regências e meu primeiro contato com eles, onde quis tentar criar meu primeiro vínculo com os alunos (FERREIRA; ACIOLY-RÈGNIER, 2010). Chegando lá, os alunos estavam descontrolados, gritando por todo lado, escutando músicas, xingando uns aos outros. O professor depois de muita peleja conseguiu me apresentar aos alunos, e começou a resumir no quadro o assunto que ia ser trabalhado em sala com os alunos. Mesmo com o início da aula os discentes não prestaram atenção e com todo o barulho eu também não consegui entender o que o professor estava explicando, o que eu achei um desrespeito a mim, alguns alunos que queria prestar atenção na aula e o X que não ligou para o que estava acontecendo, não sei o porquê, o que me incomodou bastante pois eu não conseguia pensar, escutar direito, fazer minhas anotações e o X não fez nada para dar um fim ao que estava acontecendo. Em minha experiência anterior com o estágio no ensino fundamental, não presenciei uma situação dessas.

Fui a sala do 1º ano C para observar a aula do X sobre “Evidências da Evolução”.

Ao entrar na sala de aula, logo de cara percebi uma gritaria e descontrole dos alunos. A aula deu-se início com o professor copiando no quadro um resumo da matéria. Nesse momento uma menina morena, dos cabelos compridos, começou a falar vários palavrões com um menino sentado à sua frente. Até ameaças de bater no pobre garoto ela fez. No outro extremo da sala, mais precisamente ao lado da porta, havia duas meninas escutando funk pesadão as alturas, incomodando a mim e alguns outros alunos. Desse incidente, em minha opinião é uma falta de respeito não somente a mim que estava observando a turma quanto também ao professor, que de alguma maneira está em pé na frente da sala tentando ensinar algo os alunos. Eu nunca, não que me lembre, passei por uma situação dessas. (próprio autor, diário 01)

Assim se torna um desafio para o professor dar uma aula, já que surgem implicações dentro da sala de aula que dificultam o trabalho do docente, dentre as quais se destaca o crescimento do número de alunos, sua heterogeneidade sociocultural, uma demanda por educação de qualidade para a população (MASSUBNI, 2011), e a indisciplina que faz parte do dia a dia da escola (SCHÖN, 2000) que se manifesta independentemente da cor, raça, gênero, sexo e classe social do indivíduo, como percebe-se no fragmento.

Ainda no primeiro diário eu fico incomodado com o professor, no momento em que ele passa a atividade como método de avaliar os alunos e não deixa nenhum momento para o tira dúvidas dos mesmos, e nem fazer a correção da atividade proposta, não deixando claro que terá correção em sua próxima aula, pois como eu vou saber se os alunos de fato compreenderam a matéria se eu não corrigir com eles as atividades passadas? Em minha opinião não tem como. Assim o professor não consegue saber se concretizou o objetivo preparado para aula e nem se seu método de ensino foi eficaz no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, a não ser que esse fosse apenas da a matéria e por isso ficar. Libâneo (1994) fala que a avaliação é um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes como objetivos propostos, e daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.

Após o término da explicação passou uma atividade para os alunos elaborada pelo professor. Essa atividade consistia em 7 questões pesquisadas que valia 1 ponto (alternativa encontrada pelo professor para ter a participação de todos os alunos), e uma maneira encontrada pelo professor de avaliar os alunos. Quando esses terminavam sua tarefa, se dirigiam ao X para passar o visto e esse anotar o ponto. Quando todos terminaram não houve uma correção com os alunos da atividade, mesmo ainda tendo tempo para fazê-lo. (próprio autor, diário 01)

Sobre as questões acima levantadas no fim do primeiro diário deixo claro o que eu concluo, onde percebi que o X não se importa com a opinião dos alunos sobre sua aula, pois

ele poderia muito bem perguntar aos alunos o porquê de eles não prestarem atenção, o que ele poderia melhorar na aula, como eles gostariam que a aula fosse. Se eu fosse o professor em questão, seria um docente preocupado com o que os alunos aprendem, seria um reformulador de ações no que diz respeito às aulas, pois se é necessário ter este diálogo entre professor e aluno para se ter uma harmonia dentro de sala de aula.

me levou a concluir que o professor não se importa de ter uma conversa com os alunos para saber a opinião desses sobre suas aulas e como eles acham que a aula poderia ser melhor. Assim, os alunos são desmotivados a tentar aprender e por isso fica. Se eu fosse o professor faria uma conversa com os alunos da sala e escutaria destes alunos alternativas de como melhorar a aula. Perguntaria como eles gostariam de aprender, o que querem aprender. (próprio autor, diário 01)

Emergem de mim assim o saber de que os alunos precisam ter voz, serem escutados, de que eu preciso sempre estar aberto a indagações, pensar que eu sou um mero facilitador do conhecimento e não um ditador do saber. Esses saberes são defendidos por Freire (2009) e se enquadram em: não há docência sem discência e ensinar não é transferir conhecimento.

4.1.2. Diário 02

No segundo diário o assunto abordado foi sobre a estrutura física da escola, mais precisamente sala de professores; pátio; banheiros; cantina; direção; secretaria; almoxarifado e local onde se localiza as salas de aula. Ressalto que foi de inteira iniciativa minha observar a estrutura da instituição, pois acredito que qualquer professor deve conhecer o seu ambiente de trabalho, para assim conseguir pensar em métodos e ferramentas que se adequem ao seu ambiente de trabalho. Foi descrito que o ambiente escolar tem um espaço pequeno em todos os locais que comporte confortavelmente funcionários e alunos, devido a quantidade presente diariamente, não dispondo de recursos materiais suficientes para suprir a todos como ar condicionado, ventiladores, mesas, cadeiras etc.

observei o tamanho da escola, que por sinal tem um espaço pequeno para a quantidade de alunos e funcionários presentes. No pátio se encontra a cantina que é onde os alunos lancham nos intervalos e possui um bebedouro, mesas e cadeiras de plástico (acredito que não tenha o suficiente para todos os alunos de uma vez). A sala dos professores é pequena para a quantidade de docentes presentes diariamente. A secretaria é bem pequena e só trabalha duas secretárias. O almoxarifado, local denominado assim por mim, é uma sala onde se encontra fios, extensões, escadas, tintas e coisas afins e que fica próxima dos banheiros femininos e masculinos dispostos à serviço dos alunos. (próprio autor, diário 2)

O que foi descrito acima é a realidade vivida hoje nas escolas públicas em escala mundial e que é e será um problema enfrentado pelos profissionais e por aqueles que estão em formação, pois a cada dia está mais difícil se ter um ensino de qualidade pela falta de estrutura mínima. Assim para Lima e Vasconcelos (2010, p. 324) a realidade encontrada hoje nas escolas é desfavorável a uma educação de qualidade, ou seja, ensinar torna-se uma tarefa árdua para o professor que, segundo os autores, pode encarar em seu cotidiano as seguintes situações:

Superlotação nas salas de aula, desvalorização do profissional, e defasada estrutura física, metodológica e didática nas escolas instiga o docente a (se) questionar: "como" fazer e "com que" fazer educação, adequando-se à proposta projetada pelos parâmetros curriculares e pelo mercado de trabalho? Afinal, as escolas - especialmente da rede pública - constituem-se de alunos marcadamente heterogêneos cultural e socialmente, o que requer do professor de Ciências o uso equilibrado de conceitos, de técnicas (competências) adequadas à comunidade; e dos seus instintos de educador (habilidades). (próprio autor, diário 02)

Como futuro docente em formação esta será uma realidade que terei que enfrentar mais cedo ou mais tarde, assim precisarei me reorganizar e renovar-se tanto pessoalmente como profissionalmente não deixando me abater sobre os problemas internos e externos que encontrarei no ingresso em minha carreira docente como futuro professor, uma vez, que o início da atividade profissional é entendido como um período contraditório, difícil, conflituoso e, por vezes, frustrante, de insegurança, instabilidade, angústia, solidão e ansiedade, de verdadeiro choque com o real (CAVACO, 1999; 1990, HUBERMAN, 2000, MORAES, 2008,). Essa reorganização e renovação diz respeito a minha prática docente, pois meus métodos e minhas técnicas de ensino mudarão de acordo com as circunstâncias e situações que eu encontro em meu local de trabalho, com as ferramentas que estarão a minha disposição para o uso.

Assim, pelo meu pensamento aflora o saber da apreensão da realidade e o bom senso (FREIRE, 2009) de que não posso de maneira nenhuma idealizar algo que fuja do real, daquilo que se está sendo vivido.

4.1.3. Diário 03

Aqui são descritos os processos operacionais, que foram constituídos por laboratórios e biblioteca, bem como a avaliação parcial feita pelo professor. Segundo o que foi descrito na escola só existe um único laboratório, o de informática, que ao mesmo tempo serve como sala de vídeo e que os alunos não possuem acesso para utilizar.

No primeiro momento conversei com o coordenar Y para saber quais laboratórios existiam na escola e se seria possível olhá-los. Bem-educado, Y me deu as chaves do único laboratório ali existente, o de informática. Neste laboratório, que também é utilizado como sala de vídeo, tinham como ferramentas: 2 Tvs de 43 polegadas com entrada para pen drive e HDMI, 10 computadores, 10 mesas, 10 cadeiras de plástico e um único ar condicionada que funciona normalmente. (próprio autor, diário 03)

Como se percebe pelo fragmento acima, a escola não possui laboratório de ciências/biologia para aulas práticas, o que dificulta por muitas vezes a compreensão de fenômenos estudados dentro dessa área e que estão enquadrados na matriz curricular dos alunos. Uma vez que em minha opinião, o laboratório tem a função de facilitar o entendimento de conteúdos por meio da prática, sejam elas experimentais ou não. Assim, o ensino de ciências/biologia quando atrelado às aulas práticas podem favorecer a compreensão de conteúdos por parte dos educandos, uma vez que promove a interatividade entre o aprendiz e o objeto de estudo (PINTO; VIANA E OLIVEIRA, 2013. P.85, TATYANE, 2019, p.18).

Um segundo ponto levantado diz respeito à biblioteca, que contém um espaço grande, bem iluminado, ventilado, tem bibliotecário e uma vasta gama de livros dos mais variados gêneros, mas que é um ambiente pouco frequentado pelos alunos e a frequência diária de educandos que vão à biblioteca não passa de sete.

Após o intervalo me dirigi a biblioteca que funciona o dia inteiro para observá-la, para isso falei com Z, o bibliotecário da escola. A ele perguntei qual era a média diária dos alunos que iam na biblioteca. Como resposta obtive em torno de 6 ou 7, e que para Z era o recorde da escola. No que diz respeito a estrutura da biblioteca, essa contém um grande espaço, com armários destinados aos livros didáticos e para outros gêneros de livros, tais como: quadrinhos, revistas, literatura estrangeira e brasileira, educação religiosa contém uma ótima ventilação e iluminação. (próprio autor, diário 03)

No contexto da aprendizagem, atualmente existe uma exposição diária de muitas informações nos indivíduos, assim é papel da escola e dos professores desenvolver competências e habilidades para que os indivíduos saibam gerenciar a informação e transformá-la em conhecimento para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido entra a biblioteca escolar que tem papel de destaque no processo educativo, devido as várias informações e materiais que pode oferecer (PERUCCHI, 1999) acompanhando as mudanças do processo de ensino, reforçando no estudante a importância de “aprender a aprender”, participando e facilitando o processo de ensino-aprendizagem, aproximando ensino e biblioteca (COSTA; 2013. p.15).

Com relação a avaliação parcial o professor de Biologia passou um teste de 5 questões que consistia em 4 perguntas objetivas (de marcar) e 1 pergunta subjetiva (escrita) sobre os conteúdos até então passados e pediu ajuda a mim (estagiário) para a aplicação e supervisão do teste.

Voltei à sala dos professores para conversar com o X sobre quais ações ele tomaria na aula com o 1º ano C. Ele me falou que aplicaria a avaliação parcial. Logo de imediato, pedi uma cópia da prova e me dispus a resolver. A prova tinha 5 questões, sendo uma delas subjetiva e as demais objetivas. Quando chegou em sala, X fez uma revisão rápida sobre os conteúdos que foram trabalhados até o dia da avaliação parcial, mas percebi que essa “rápida revisão” era basicamente dando as respostas de cada questão contida na prova. Chegando lá na sala ajudei-o a distribuir a prova e supervisionar a turma. (próprio autor, diário 03)

Assim entende-se que após o ensino, pode acontecer a internalização dos significados captados, gerando aprendizagem (SILVA, MORADILLO, 2002). A captação de significados exige que os alunos relacionem as novas informações trazidas à aula com o conhecimento que possuíam anteriormente ao ensino (AUSUBEL et al., 1980).

Portanto, seria de esperar que a avaliação escolar fosse uma atividade cotidiana de colaboração entre professores e alunos na busca do conhecimento. Entretanto, não é o que acontece. O processo avaliativo corriqueiramente empregado nas escolas "é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem" (Luckesi, 1997: 18) e assim, afasta mais do que aproxima os alunos do estudo. Isso mostra um dos desafios vivenciados pelos professores em seu cotidiano, que é o de realizar avaliações dos conteúdos ministrados, de modo que essas sejam bem vistas e proveitosas para os alunos e, ainda, eficientes para medir a qualidade do que foi ensinado e, efetivamente, aprendido (BITTAR et al., 2015, p. 525).

Diante dos fatos descritos em questão, como um docente em formação me sinto triste com alguns pontos observados. Primeiro, pela escola e os professores não incentivarem o uso da biblioteca pelos alunos, que segundo Costa (2013) é um ambiente considerado estático e pouco usado mesmo sendo um local de aprendizagem acolhedor e prazeroso, capaz de promover o diálogo e interação com professores, estudantes e demais membros do ambiente escolar. Assim em minha opinião a biblioteca pode ser esse espaço no momento em que é vista como um local potencializador de aprendizagem e não um mero depósito para livros estando inteiramente ligada às atividades pedagógicas planejadas pelos professores, que propiciem diferentes fontes de informação.

Segundo, pela falta de laboratórios na escola, o que me faz pensar em como os alunos sentem dificuldades de entenderem vários conteúdos que requerem experimentação. Para Rosito (2003), a experimentação é essencial para um bom ensino de Ciências/Biologia, pois permite uma maior interação entre o professor e os alunos e é uma oportunidade de um planejamento conjunto. Como professor em formação necessito fazer essa interação com meus alunos por meio das atividades teórico-práticas, pois crio vínculos afetivos (FERREIRA; ACIOLY-RÈGNIER, 2010) que me ajudarão em todo o processo de ensino-aprendizagem.

Diante de tudo que foi escrito nesse tópico, como docente em formação percebo que seria um professor que se preocuparia com atividades práticas com os alunos tentando de algum modo realiza-las mesmo sem a existência de laboratórios, incentivaria e utilizaria a biblioteca para estimular a busca de conhecimento pelos alunos, bem como, ficaria maquinando em minha mente atividades que eu pudesse utilizar os mais variados ambientes da instituição, com o intuito de lecionar (esse pensamento não vem à tona no diário). Assim me estimula o saber da curiosidade, de perceber que junto com meus alunos estou aprendendo, pois nem sempre quem aprende é aluno e quem ensina é professor (FREIRE, 2009), um saber experiencial de desempenhar minhas funções como professor, desenvolvendo assim um saber que é próprio meu, construído individualmente e coletivamente (TARDIF, 2002).

4.1.4. Diários 04 e 05

Nesses diários descrevo o projeto político pedagógico (PPP) da escola e o regimento escolar respectivamente. Deixo claro que no período de estágio avaliei ambos os documentos separadamente, pois contêm muitas informações que merecem serem analisadas individualmente, mas aqui discuto esses juntos, pois um complementa o outro. Para fazer a leitura desses documentos sentei na sala dos professores, que era um lugar calmo, para assim poder me concentrar melhor na tarefa que designei a mim. Com a leitura consegui ter noção de quais são as práticas educacionais que a escola orienta para todo o ano letivo. Após ler escolhi alguns pontos considerados por mim importantes para a discussão. Primeiro discutirei o PPP seguido do Regimento escolar.

Com relação ao PPP, percebi descritos pontos que a escola não cumpria, deixando somente no papel. Segundo Veiga (1995):

O Projeto Político pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo que é construído e em seguida é arquivado ou encaminhado as autoridades educacionais como prova de um cumprimento de tarefas burocráticas. Ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola. (VEIGA, 1995. P. 13). (próprio autor, diário 04)

Dentre os pontos que eu analisei estão elencados os valores que a escola diz que emprega diariamente e o desenvolvimento de projetos científicos, sendo estes a qualidade, transparência, eficácia, ética, valorização e participação dos jovens. O principal valor posto em questão foi a escola ser transparente em todas as suas ações, mas que na realidade ocorre totalmente o contrário, já que a unidade escolar é totalmente opaca em relação a todas as tomadas de decisões, não sendo o que se espera hoje de uma gestão democrática. Assim acredito que o diretor – membro que está no topo da hierarquia da escola – juntamente com coordenadores e professores devem sempre dialogar para a tomada de decisões, uma vez, que juntos podem decidir o que é melhor para a escola (Esse pensamento, não está contido no diário).

Dos pontos marcados dei foco em alguns tópicos apontados no PPP, mas por meio de uma conversa com o coordenador pedagógico descobri que a escola não faz as ações que estão escritas no PPP. O primeiro tópico analisado foram os valores, onde a escola diz que dá qualidade, equidade, transparência, ética, eficácia, valorização dos jovens e participação dos mesmos. Dos valores apontados aqui, quase nenhum é posto em prática. (próprio autor, diário 04)

A democracia na escola por si só não tem significado. Ela só faz sentido se estiver vinculada a uma percepção de democratização da sociedade. Abrangendo as dimensões pedagógicas, administrativas e financeiras, a gestão democrática visa a romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática, assim exige o cultivo do trabalho coletivo, da ação colegiada da realização pelo bem comum. É preciso, portanto, possibilitar momentos de experimentação da democracia na escola, para que ela se torne uma prática efetiva, consolidada e vivenciada (FERNANDES; VIEIRA, 2009. p.7292).

O segundo documento que compõe a escola é o Regimento Escolar. Segundo Wolf e Carvalho (s/d) o regimento escolar é um documento resultante de uma construção coletiva, que deve refletir o projeto político-pedagógico da escola e normatizar a organização administrativa, didático-pedagógica e disciplinar da instituição de ensino.

O Regimento Escolar tem a função primordial de normatizar o funcionamento interno do Estabelecimento Educacional e irá regulamentar todo o trabalho pedagógico, administrativo e institucional com base nas disposições previamente estudadas e implementadas para cumprimento de todos os envolvidos nas atividades escolares. (LDB 9394/96). (próprio autor, diário 05)

Dentro do RE, algumas questões ganharam destaques e que foram pautadas por mim levando em conta a disciplina de Biologia e a área do futuro docente. Dentre essas questões estão a liberdade de ensinar, aprender e divulgar conhecimento científico. No período de meu estágio conversando com professores percebi que esses precisam seguir à risca o que o diretor e a coordenação mandar; os alunos não divulgam conhecimento científico nem na escola e nem na comunidade, já que sua mera função é de ouvir o que o professor fala. Isso se torna muito ruim pois o professor acaba perdendo amor à profissão e os alunos não conseguem levar para vida os conteúdos que são ensinados.

Dentro dos princípios, os mais discrepantes que percebi foram: 1) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar cultura (os alunos não possuem esse direito, pois dentro e fora de sala de aula esses possuem sua liberdade de expressão vetadas, uma vez, que estes só possuem a função de ouvir e entender como verdade absoluta o que os professores e a gestão escolar ensina e diz); 2) valorização das experiências extracurriculares (os alunos não possuem atividades extracurriculares, se resumindo uma semana dentro de sala de aula escutando o que o professor diz). (próprio autor, diário 05)

Outro ponto marcante são as atividades extracurriculares, que na escola não existem e os alunos passam 5 dias em meio período, de suas vidas somente em sala de aula, o que se torna bastante ruim. CUNHA (2013) acredita que as atividades extracurriculares fomentam o desenvolvimento cognitivo, físico, social e até emocional dos alunos.

Com relação ao regimento escolar e ao PPP, na escola se encontra uma versão física impressa e a digital. Depois de muito esforço consegui acesso a versão digital, mas nenhum funcionário da escola que não seja o diretor, coordenador possuem acesso a tais documentos. Wolf e Carvalho (s/d) afirmam que é frequente a constatação de que tanto profissionais da educação quanto pais e alunos desconhecem tais documentos do estabelecimento de ensino ao qual estão vinculados, seja pela relação de trabalho, seja pela relação de estudo. Assim depreende-se desta observação que tais documentos permanecem arquivados na escola, distanciado de sua prática pedagógica – relacionada a melhoria das condições educacionais da comunidade, asseguradas às universalidades e equidades na prestação dos serviços, garantindo a formação integral dos alunos para que eles possam agir construtivamente na formação do meio - e administrativa e que, basicamente, se recorre a ele em situações que envolvem indisciplina, como se fosse apenas um compilado de regras.

Conversando com a professora de Inglês, descobri por meio dela que muitos professores a incluindo pediram acesso a documentos da escola, mas que foi negado

por parte da gestão escolar. Quando falei que tinha conseguido acesso ao PPP e ao regimento escolar, a professora ficou surpresa, pois os professores são vetados desse acesso. Essa atitude vinda da escola é totalmente desnecessária, pois se os professores tiverem acesso ao PPP, com é de direito, estes podem lutar para melhorar a educação dos alunos por meio do que se espera dentro do próprio PPP. (próprio autor, diário 04)

Como um profissional da educação preste a se formar e a iniciar a carreira de professor, tentarei sempre ter acesso a esses documentos que regem a instituição, já que é um direito que eu tenho. Pois com tais documentos em mãos posso melhorar minhas ações docentes e planejar atividades e aulas que estejam de acordo com os planos de ensino da escola. Flui assim os saberes curriculares, definidos por Tardif (2002) como sendo os saberes que são absorvidos pelo professor ao longo de seu exercício da profissão e que se originam dos programas da escola ligados ao PPP e ao Regimento Escolar e os saberes do comprometimento e da tomada consciente de decisões defendidas por Freire (2009), uma vez que é escolha minha ir atrás ou não desses documentos que fazem parte integrante da escola.

4.2. Os saberes que emergiram das regências

A partir desse ponto discutiremos a respeito das ações por mim tomadas para as regências realizadas em meus estágios no ensino médio. Diante não esclareço que ambos os estágios ocorreram na mesma escola, com a supervisão do X que é professor de Biologia da escola e que os diários 6, 7 e 8 pertence as regências no ESEM I e os diários 9, 10 e 11 ao ESEM II. Foi feito um diário para cada 4 horas de regências dadas no três primeiros diários e um diário para cada 2 horas de aula ministradas, para os últimos três diários.

4.2.1 Diários 06, 07 e 08

Quando tive meu primeiro contato com X, ele designou que eu ministraria os seguintes conteúdos: teias tróficas, pirâmides ecológicas, relações ecológicas e ciclos biogeoquímicos. Quando mais se aproximava o dia de minhas regências me batia um nervosismo, um frio na barriga, uma angústia, e isso foi motivado pelo fato de ser meu primeiro contato com os alunos que eu observei como seu professor. Com isso, fiquei me perguntando se eles gostariam de minha aula, se eu me esqueceria de dizer algo importante sobre os conteúdos, etc. (Não está descrito nos diários).

Em minha primeira regência trabalhei o assunto de Relações tróficas, abordando o conceito, os níveis de organização (produtor, consumidor e decompositor) e as teias tróficas.

Para me auxiliar usei o quadro branco para fazer um mapa mental sobre o assunto. O método que usei para essa aula foi a exposição dialogada. Para isso fiz perguntas para os alunos tais como, o que você entende por relação trófica? Será que fazemos parte dela? Por que ela é importante? E à medida que eles me respondiam fui colocando essas informações no quadro para depois relacioná-las com o conteúdo, pois acredito que todo conhecimento trago é válido para construir novos conhecimentos. (Essas perguntas não estão contidas nos diários, mas são fragmentos de minhas lembranças).

O primeiro assunto trabalhado nos dias 01 e 08 de outubro foi o de “Relações tróficas”. Para trabalhar com esse tema escolhi fazer uma aula expositiva dialogada. Algumas vezes os alunos não entendiam algum conceito e eu voltava a repetir com outras palavras para tentar simplificar o entendimento do aluno. Para me auxiliar na explanação do conteúdo em sala fiz um esquema no quadro branco. (próprio autor, diário 06)

Como estava desempenhando o papel de docente na sala decidi ir para o lado de uma aula tradicional, escolhendo o quadro branco e a aula expositiva dialogada com os alunos. Fiz essa escolha porque era o que eu estava mais habituado desde meu ensino básico até a graduação, assim tinha um resumo no quadro e explicação, e quando fui para faculdade comecei a ter o diálogo e a exposição de minhas ideias como a de meus colegas no quadro pelo professor, isso em várias disciplinas ao longo da graduação. Diante disso pensei que seria o método mais fácil para saber o que os alunos já traziam consigo de informações e ancorar novas informações para estes poderem construir seu conhecimento (AUSUBEL et al., 1980).

Segundo Hartmann, Maronn e Santos (2019) a aula expositiva dialogada é uma estratégia que se caracteriza pela exposição de conteúdos com a participação ativa dos estudantes, considerando o conhecimento prévio dos mesmos, sendo o professor o mediador para que os alunos questionem, interpretem e discutam o objeto de estudo. Ainda segundo as autoras apesar de ser considerado um método tradicional e por várias vezes até ultrapassada por parte de alguns professores, esta apresenta fundamental relevância no ensino, uma vez que permite um diálogo entre professor e alunos, havendo espaços para questionamentos, críticas e discussões.

Na segunda parte do diário 6, na aula seguinte eu decidi continuar com o conteúdo de teias tróficas, e fiz uma dinâmica com a turma, pois queria saber o que esses tinham aprendido da aula anterior.

Dei continuidade ao conteúdo, fazendo uma dinâmica com os alunos. A dinâmica consistia em montar uma teia alimentar na sala, na qual os próprios alunos

representavam um nível trófico dentro de várias cadeias alimentares. Para a construção da teia trófica dei a cada aluno uma placa que representava um nível trófico e com o auxílio de um barbante, onde a ponta do barbante era dada ao primeiro nível trófico da cadeia O PRODUTOR, e ia passando a cada nível trófico até que uma cadeia estivesse montada. E esse procedimento ia se repetindo até montar todas as possibilidades existentes de cadeias. E a cada nível que ia aparecendo foi explicado a relação e a importância deste nível. No fim da dinâmica pedi aos alunos que me avaliassem dando uma nota de 0 a 10 e o que acharam de legal na aula e o que eu poderia melhorar. (próprio autor, diário 06).

A dinâmica se deu apenas com materiais simples e encontrados em casa, como papel, caneta, barbante e tesoura, assim se utilizou de recursos diferentes do quadro branco e do pincel. Segundo Souza (2007, p.110) é possível a utilização de vários materiais que auxiliem o processo de ensino e de aprendizagem, fazendo com que facilite a interação professor – aluno – conhecimento.

No fim da aula pedi que os alunos me dessem uma nota de 0 a 10 levando em conta a seguinte escala: 0 a 2 (ruim), 3 a 5 (mediano), 6 a 8 (bom) e 9 a 10 (ótimo) e escrevessem em um papel o que acharam da aula e o que poderia melhorar. Eu pedi que me avaliassem pois queria saber como eu estava sendo visto pelos alunos, como tinha sido minha aula, se eles gostaram, e gostaria de saber o que eles queriam ter nas próximas aulas. Pela a avaliação deles, considereei que fui bem, e que trazer dinâmicas e jogos para eles foi muito bom, o que me deixou feliz, pois consegui fazer com que toda a turma participasse e interagisse comigo e com os colegas.

Nos diários 7 e 8, eu utilizei a mesma abordagem de ensino da aula encontra descrita no diário 6, fazendo uma aula expositiva dialogada baseada em Farias (2014) acrescidas na aula com uma dinâmica ou jogo. Mesmo esse método sendo tradicional no momento foi o mais fácil e prático para realizar minhas regências.

Nestes dias os conteúdos trabalhados foram “Pirâmides ecológicas” e “Relações ecológicas”. Comecei a aula fazendo um esquema no quadro branco com os três tipos de pirâmides (biomassa, números e energia) e suas respectivas características. Quando terminei de dar o conteúdo, fiz uma atividade com os alunos. A atividade consistia em construir pirâmides ecológicas, no caso, uma pirâmide para cada uma das que foram abordadas na aula. Para a construção dessas pirâmides, dei a cada aluno um envelope com peças que quando colocadas no lugar certo montava uma pirâmide, seja ela de biomassa, energia ou números. (próprio autor, diário 07).

Na aula de Pirâmides ecológicas, decidi não por muitas informações no quadro e apenas desenhei os tipos de pirâmides de energia e coloquei suas respectivas características, pois acredito que é um tema de difícil compreensão, não quis expor de uma vez só muita informação para não os assustar. Quando terminei de desenhar as pirâmides iniciei a aula perguntando aos alunos o que eles entendiam dessas pirâmides. Como resposta obtive o silêncio absoluto, nenhum discente quis responder acredito que eles estavam com medo de serem rechaçados pelos colegas, assim não consegui ter um diálogo com os alunos, assim o método de exposição e diálogo entre as partes não foi concretizado, para Hartmann, Maronn e Santos (2019), o método expositivo dialogado somente funciona se estiver essa interação de diálogo entre professor e aluno. Então, apenas comecei explicando pra eles o significado de cada pirâmide e dei exemplos. Terminando de explicar queria saber se eles entenderam minha explicação e passei uma atividade individual para avalia-los, pois foi a maneira mais prática de eu saber se o objetivo da aula foi concretizado. Objetivo esse relacionado aos alunos compreenderem os tipos de pirâmides ecológicas e saber identificar suas características.

Para a atividade entreguei a cada aluno um envelope que tinha dentro vários retângulos de tamanhos e cores diferentes, e vários nomes de animais e suas respectivas quantidades podendo ser em números, quilocalorias ou em quilogramas feitos por mim no computador (informação não detalhada no diário). Tal atitude de fazer as pirâmides no computador se deu por que tenho impressora a disposição, assim se tornaria mais fácil e menos trabalhoso do que fazer á mão, mas deixo claro que se eu não tivesse tais recursos, eu faria a mão uma certa quantidade de pirâmides e seus exemplos e faria essa atividade com os alunos, já que me deixou feliz poder levar aos alunos algo que seja diferente do que eles estão sempre habituados a ter em sala de aula, que seria o professor falando e passando atividades do livro. Segundo Castoldi e Polinarski (2009, p. 685) “a maioria dos professores tem uma tendência em adotar métodos tradicionais de ensino, por medo de inovar ou mesmo pela inércia, a muito estabelecida, em nosso sistema educacional”.

Em minha quarta regência ministrei aula do assunto de relações ecológicas, e percebi que se tratava de um tema bastante visual por envolver as relações entre diferentes animais. Para me auxiliar, utilizei de slides, pois mostrar imagens dessas relações seria mais vantajoso do que as desenhar no quadro, e conseqüentemente envolveria menos perda de tempo, já que eu considero este um assunto extenso. Comecei a aula perguntando aos alunos se eles já tinham escutado falar de relações ecológicas, se eles conheciam alguma, se sabiam exemplos e de acordo com as respostas fui fazendo link com os slides sobre a apresentação. (Essa

interação não se encontra descrita nos diários).

Os assuntos trabalhados nesse tema foram relações intraespecíficas e interespecíficas, relações harmônicas e desarmônicas, caracterizando as principais relações que o livro didático trazia no capítulo que falava desse assunto, sendo elas sociedade, competição, comensalismo, parasitismo, Amensalismo, mutualismo, inquilinismo, predação, colônia entre outras.

No dia 29/10 o conteúdo trabalhado foi o de “relações ecológicas” e como é um tema bastante visual, decidi utilizar o método de aula expositiva dialogada com o auxílio de um slide, previamente feito por mim e um data show. Quando terminei de dar o conteúdo dividi os alunos em equipes. Cada equipe recebeu um envelope com cartas que continha imagens, definições e tipo de relações. Nesse momento, eu passei pelos grupos para saber se existem dúvidas sobre o jogo ou sobre o assunto. Quando todos os grupos terminaram foi feita uma correção do jogo com a participação da turma. (próprio autor, diário 07)

Como em minhas regências anteriores, ao terminar de lecionar o conteúdo decidi fazer uma atividade na qual pudesse avaliar o que os alunos compreenderam da atividade. Desta vez, a atividade foi um jogo de cartas criado por mim. Neste jogo tinham cartas com imagens das relações, outras com a definição e com o tipo de relação. Decidi dividir a turma em equipes, pois não tinha material suficiente para dar a cada aluno individualmente, e assim os integrantes das equipes poderiam debater entre si, quais cartas de completavam, pois em conjunto todos trabalhavam o que aprenderam e que ficou mais claro em suas mentes sobre o conteúdo dado, pois segundo Freire (2009, p.25) “o aluno ensina ao aprender”, trazendo assim novos aprendizados para cada um. No decorrer que os alunos estavam relacionando as cartas, passei em cada equipe para saber se estavam com dificuldades, para assim poder ajuda-los. Quando todos os alunos terminaram, fiz a correção do jogo, para saber quantos tinham acertado tudo e se ficou alguma dúvida ou confusão sobre o assunto.

No diário 8 consta meu último conteúdo ministrado em meu estágio no ESEM I, que foi o de ciclos biogeoquímicos. Decidi dividir esse assunto em duas partes. Na primeira aula decidi trabalhar os ciclos da água, nitrogênio e fósforo, pois considero estes os mais detalhados e mais difíceis de compreensão. Na aula seguinte falei sobre os ciclos do carbono e oxigênio. Nestas aulas me baseei em uma aula expositiva dialogada (FARIAS, 2014). No quadro desenhei o ciclo de cada elemento que seria abordado na aula, suas características e etapas. Fiz isso, para assim os alunos tivessem um compilado sobre esses ciclos e pudessem utilizá-los num futuro próximo. Para iniciar o diálogo comecei a perguntas a eles por que a água é importante? Por que chove? Onde o nitrogênio é encontrado? Onde podemos encontrá-lo? Qual a importância do elemento químico fósforo para nossa vida? As respostas dadas

foram no quadro e comecei a relacioná-las com aula.

Neste dia o conteúdo trabalhado foi o de Ciclos Biogeoquímicos dando os ciclos da água, nitrogênio e fósforo, oxigênio e carbono. No dia 12/11 foi dado os ciclos do oxigênio e do carbono juntamente com um jogo. Em todas as aulas me baseei em uma aula expositiva dialogada fiz um mapa mental dos ciclos e expliquei os processos e etapas existentes. Quando terminei de abordar os ciclos, tirei todas as dúvidas existentes dos alunos e fiz uma dinâmica (na primeira aula) e um jogo (aula posterior). Na dinâmica dividi a turma em equipes de 3 integrantes e entreguei três imagens dos ciclos estudados, mas a parte legal era que estava faltando partes que precisavam ser completadas. Para o jogo, dividi a turma em duas equipes. O jogo ocorreu da seguinte maneira: haviam cartas com perguntas sobre os ciclos e 2 quebra cabeças, um para cada grupo. A cada rodada um grupo respondia uma pergunta e se acertasse ganhava aleatoriamente uma peça do quebra cabeça, e assim o jogo foi dando continuidade. Ganhava o jogo a time que primeiro completasse o quebra cabeça. No fim, ninguém conseguiu completar, pois o tempo foi curto, mas todos saíram ganhando por que como prêmio dei um bis a cada um. (próprio autor, diário 08)

Quando terminei de explicar os ciclos, parti para tirar as dúvidas que apareceram e quase todas foram relacionadas ao ciclo do nitrogênio, onde os discentes não entenderam muito bem esse ciclo devido a quantidade de palavras completas que não fazem parte de seu cotidiano, tais como: nitrobacter, nitrosomonas, nitrificação, amonificação. Depois de tirar as duvidas passei a atividade como forma de ver se eles entenderam as etapas dos ciclos e seus nomes. Na atividade os alunos precisavam completar lacunas que estavam faltando nas imagens que eu entreguei a respeito dos três ciclos estudados em sala. Ao terminarem de fazer atividade, corriji com eles. (Tal ação não está descrita nos diários).

Na aula seguinte dei continuidade aos ciclos e abordei os ciclos do carbono e oxigênio. No quadro desenhei os ciclos e quando terminei, perguntei aos alunos o que nos respiramos? O que expiramos? De onde vem? Como é repostado? A partir das respostas e ideias dos alunos comecei a explicar os ciclos e tentei ancorar informações novas com as respostas que eu recebi. Como o ciclo do oxigênio e do carbono são simples e de fácil compreensão os alunos não tiveram dúvidas e cedo terminei de ensiná-los (não se encontra descrita nos diários). Parti para fazer a dinâmica, que era basicamente um jogo de perguntas e respostas e montagem de um quebra-cabeça. Nesse jogo a turma foi dividida em duas equipes, e cada equipe respondia as perguntas que eu fazia, caso acertassem ganhavam uma peça do quebra-cabeça para montar. Ganhava o jogo o time que completasse primeiro o quebra-cabeça, fiz essa escolha para os alunos trabalharem a cooperação, a ajuda ao próximo. No fim, nenhuma equipe conseguiu completar o quebra-cabeça, pois deixei cada equipe pensar na resposta sem delimitar um tempo, e quando não sabiam passavam a pergunta para a outra equipe. No final

da aula dei um bis para cada aluno, como forma de agradecer esses por terem participado da atividade, bem como, queria dar algo que representasse minha gratidão de esses terem participados de minhas aulas e atividades proposta, pois esse dia foi meu último contato com a turma do 1º ano C.

Assim, em todas as aulas tentei chamar a atenção dos alunos por meio das atividades que eu realizei, fazendo com esses sentissem interesse pelas aulas de Biologia que eu estava ministrando, já que segundo Anese e Paniz (2019) com o passar do tempo o aluno perde o interesse pelas aulas de ciências/biologia, pois muito pouco de diferente é feito para tornar a aula mais atrativa e que motive o mesmo a aprender e construir seu próprio conhecimento.

Tenho a preocupação em sempre trazer o lúdico, para fisgar o interesse dos alunos pela aula em questão, já que estes perdem a atenção fácil. Ciências e Biologia são disciplinas que muitas vezes não despertam interesse dos alunos, devido à utilização de nomenclatura complexa para as mesmas. Isso exige do professor que faça uso diversas estratégias e recursos (ANESE e PANIZ, 2019, p. 358). Para trazer o lúdico às aulas foi decidido fazer jogos, dinâmicas já que:

Enquanto joga, o aluno desenvolve a iniciativa, a imaginação, o raciocínio, a memória, a atenção, a curiosidade e o interesse, concentrando-se por longo tempo em uma atividade. Cultiva o senso de responsabilidade individual e coletiva, em situações que requerem cooperação e colocar-se na perspectiva do outro. Enfim, a atividade lúdica ensina os jogadores a viverem numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico. (FORTUNA, 2003, p. 3)

As ações realizadas por mim no decorrer das regências, geraram vários saberes. Primeiro no que diz respeito ao conhecimento que eu adquiri por meio das aulas na faculdade, das leituras feitas no livro didático, dos planejamentos das aulas, que segundo Pimenta (2000) se enquadra no saber do conhecimento e por Tardif (2002) no saber disciplinar. Segundo pela metodologia utilizada, que foi a exposição dialogada, das dinâmicas, dos jogos feitos com os alunos, da correção das atividades, os mapas mentais feitos no quadro, de sempre tentar saber o que os alunos já traziam de conhecimento dos conteúdos dados, do tira dúvidas dos discentes, práticas essas vistas por Tardif (2002) como o saber proveniente da formação profissional, estando presente na ideologia pedagógica, referindo -se as técnicas, o modo como eu ensinei. Já para Pimenta (2000) como o saber pedagógico, que diz a respeito ao desenvolvimento de minhas atividades como professor, a minha didática, das ferramentas e técnicas que utilizei para conduzir o ensino e a aprendizagem na sala de aula. E não menos importante o saber da experiência (PIMENTA, 2000) ou saber experiencial (TARDIF, 2002)

que é adquirido no decorrer da profissão, no caso minhas regências como professor, no meu dia-a-dia em sala de aula, com o contato direto com os alunos com os demais professores.

4.2.2 Diários 09, 10 e 11

Nos diários 9, 10 e 11 são tratados de descrições relacionadas à prática de regência no ESEM II com a turma de 3º ano, mas esta aconteceu de forma remota, pois se deu no período da pandemia em 2020. Assim, o Brasil, como os demais países do mundo, enfrenta uma complexa conjuntura provocada pela pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV-2, cujo quadro clínico varia de infecções assintomáticas a crise respiratória grave (BRASIL, 2020a).

Medidas de isolamento social para reduzir a contaminação são adotadas ao redor do mundo, com maior ou menor rigidez. Quase sempre, as primeiras instituições alcançadas por essas medidas são as educacionais, ambientes que mantêm um grande número de indivíduos confinados juntos por longos períodos (SARAIVA, TRAVERSINI E LOCKMANN, 2020).

Segundo Cunha (2020, p.29) em menos de uma semana e de forma apressada/improvisada, a maioria das secretarias de educação do Brasil já tinha um planejamento para dar continuidade às atividades escolares e garantir a aprendizagem dos estudantes de forma não presencial. Nele, o ensino remoto a partir do uso de plataformas online, videoaulas gravadas e compartilhamento de materiais digitais foi a estratégia adotada pelas secretarias estaduais de educação (CIEB, 2020).

Para as aulas que iam se seguir nos meus diários descrevo que utilizei a aula expositiva dialogada com o auxílio de vídeos e slide preparados por mim via plataformas digitais (Google Meet; Google Classroom e WhatsApp) com a turma de 3º ano. Mas ressalto aqui que não foi possível utilizar esse método, pois não tive diálogo com os alunos para buscar saber o que estes já traziam de bagagem em suas mentes e nem fiz perguntas que estimulassem essa interação comigo e com os demais colegas. Para me auxiliar nas exposições usei o livro didático como base de fundamentação teórica e fiz atividades que eram postadas no google classroom.

No dia 17/08/20 dei início as minhas regências. Nesse período de pandemia a escola optou por fazer aulas em EaD via google Meet e atividades pelo Google Classroom. Para me auxiliar na explanação do conteúdo online fiz um slide que tinha um esquema feito por mim que mostrava os componentes que atuam para a locomoção de um músculo. Algumas vezes parava a explicação e perguntava os alunos a respeito do que já tinha comentado para saber se estavam prestando atenção. Quando terminei de abordar o conteúdo, repassei via WhatsApp o slide feito para a aula. A

atividade foi passada do livro didático e o envio da atividade se daria no mesmo dia da aula via Google Classroom. No decorrer da execução da atividade fiquei online via WhatsApp até o término da aula para tirar dúvidas dos alunos, e por incrível que pareça não houveram dúvidas a respeito da atividade. (próprio autor, diário 09)

Neste dia o conteúdo trabalhado foi “Coordenação hormonal”. Para me auxiliar na explanação do conteúdo online fiz um slide que tinha um esquema feito por mim que mostrava os principais constituintes do sistema endócrino e suas vias de atuação, bem como as glândulas existentes e os tipos de hormônios produzidos. Algumas vezes parava a explicação e perguntava os alunos a respeito do que já tinha comentado para saber se estavam prestando atenção. A importância de se ter um organismo equilibrado em açúcar dando como exemplos a diabetes do tipo I e II. Ao terminar de abordar o conteúdo, repassei via WhatsApp o slide feito para a aula. A atividade foi passada do livro didático na qual eles teriam que ler o capítulo de controle hormonal e elaborar 5 perguntas que seriam posteriormente repassadas como revisão para a avaliação. O envio da atividade se daria no mesmo dia da aula via Google Classroom. (próprio autor, diário 10)

Neste dia o conteúdo trabalhado foi o de “Coordenação Nervosa. Para me auxiliar na explanação do conteúdo online fiz um slide que tinha uma tabela feita por mim que mostrava os principais constituintes do sistema nervoso (tipos de células, funções e divisão), bem como um esquema de como se dava o impulso nervoso. Algumas vezes parava a explicação e perguntava os alunos a respeito do que já tinha comentado para saber se estavam prestando atenção. Ao terminar de abordar o conteúdo, repassei via WhatsApp o slide feito para a aula. A atividade foi passada do livro didático e o envio da atividade se daria no mesmo dia da aula via Google Classroom. (próprio autor, diário 11)

Em todas as aulas, em algum momento parava o que eu estava explicando e perguntava aos alunos sobre o que eu estava falando, pois em nenhum momento os discentes fizeram perguntas a respeito do conteúdo, e eu comecei a achar que estava falando sozinho, que ninguém estava prestando atenção, assim fazendo essas perguntas, eu pensei que eles ficariam mais atentos a aula, por a qualquer momento eu chamar um deles para responder a uma pergunta. (Não está presente nos diários).

Uma prática muito comum dos alunos nesse período remoto é entrarem na aula, mas não participarem ou prestarem a atenção devida, falo isso por experiência própria pois sou antes de tudo aluno de graduação, e eu já fiz isso, e essa ação minha se deu pelo simples de achar chato assisti aulas remotas, já que estou em casa, no meu conforto, tendo outras coisas mais atrativas para fazer.

Isso ocorre por vários fatores e depende da realidade de cada indivíduo, dentre eles destaca-se: os estudantes, na sua maioria, são oriundos de classes sociais mais baixas, sem acesso a tecnologias digitais, vivem em casas que têm pequenos espaços, onde muitas vezes não têm lugar para estudar; os que possuem a tecnologia digital usam-na como forma de

entretenimento e não para prática de educação formal; a dificuldade dos pais em orientar as atividades escolares, considerando o nível de escolaridade familiar, especialmente os pais dos alunos da rede pública, também se constitui um entrave nesse momento (ALVES, 2020) e os pais, avós e irmãos também estão em casa no confinamento, gerando muitas vezes situações de estresse e violência entre os membros familiares (MALLOY-DINIZ, COSTA, LOUREIRO, MOREIRA et al., 2020).

Diante da informação acima, acho importante antes de se ter aulas remotas pensar na realidade que os alunos vivem, principalmente os oriundos de escolas públicas, que em sua maioria provêm de uma família de classe social baixa, sofrem com violência doméstica, sem pais com uma boa escolarização, que trabalham em condições extremas para trazer sustento ao grupo familiar, ou que de alguma maneira precisam em casa ajudar nos afazeres domésticos, moram em ambientes pequenos sem um lugar calmo onde possa estudar ou simplesmente que não tem acesso a nenhum meio digital pois é caro, e entre se alimentar ou comprar uma ferramenta tecnológica a família escolherá se alimentar, já que se é necessário para se manter vivo. Outra situação que ocorre é dos alunos que possuem essas tecnologias digitais, mas não/pouco a utilizam para os estudos, primeiro por não terem o incentivo e a fiscalização dos pais, que muitas vezes não tem tempo por trabalharem demais ou não entenderem e saberem mexer nessas tecnologias e segundo por preferirem usá-la para entretenimento, principalmente para jogar.

No diário 9, transpareço meu anseio e medo em utilizar as plataformas digitais para dar aula, pois sinto falta de capacitação e saber digital, pois mesmo conhecendo e já ter escutado falar a respeito dessas, nunca me interessei em aprender a utilizá-las de forma correta, já que nunca passou em minha mente um dia precisar utilizá-las para dar aula. E deixo claro que meu primeiro contato e uso dessas plataformas se deu no período de pandemia em 2020, em minhas aulas da faculdade.

Confesso que fiquei com receio e medo de fazer minhas regências de forma remota, pois o meu primeiro contato com as plataformas digitais foram as minhas aulas remotas na faculdade. Não sabia usar nenhuma, precisei me virar para aprender sozinho e com a ajuda de tutoriais presentes na internet. Como não tenho experiência com esse tipo de situação as aulas não ocorreram como o imaginado, pois perdi conexão no meio da aula, a quantidade de alunos que apareciam não passava de 10, não consegui avaliá-los para saber se entenderam o assunto. (próprio autor, diário 09)

Alves (2020) relata em seu trabalho “Educação remota: entre a ilusão e a realidade” que o corpo docente não se sente preparado para assumir as atividades escolares com a mediação das plataformas digitais, seja por conta do nível de letramento digital, ou, por limitações tecnológicas para acesso a estes artefatos. Assim, ninguém teve a capacitação necessária para dar continuidade as aulas de maneira remota, já que essa fugia totalmente da realidade dos alunos e professores e muitos não possuem acesso a tais meios.

Uma outra ação minha que está nos diários diz respeito a sempre passar o slide via WhatsApp para os alunos. Eu sempre enviava porque em minha mente quase nenhum aluno fazia as anotações da aula em seu caderno, as aulas não eram gravadas, assim não poderiam assistir em uma outra hora, e tendo o arquivo da aula em mãos seria mais fácil estes estudarem para as provas.

Em todos os diários fica evidente a atividade passada para os alunos como forma de avalia-los. Essa atividade consistia em elaborar 5 questões e respondê-las sobre o conteúdo dado em sala, utilizando de base a leitura do capítulo referente ao assunto, depois envia-las via Classroom. Essas atividades foram elaboradas por mim, pois o professor X me orientou a passá-las, pois ele precisaria ter uma forma de atribuir nota e dar frequência aos alunos.

As ações feita por mim nessas regências despertaram alguns saberes, desde o ato de planejar minhas aulas, fazer slides de apresentação, o uso do livro didático, das tecnologias digitais de comunicação como o WhatsApp, o Google Classroom e o Meet ferramentas que foram usadas para conduzir o ensino e a aprendizagem dos alunos, ações essas enquadradas no saber pedagógico de Pimenta (2005) e formação profissional de Tardif (2002). Além disso minha ação de ler, estudar, pesquisar sobre os assuntos das aulas, bem como, para aprender a usar as ferramentas digitais, preparar os slides da aula se caracterizam como o saber do conhecimento para Pimenta (2005) e como saber disciplinar na visão de Tardif (2002).

Outro saber emergido, tem a ver com o contato semanalmente de forma remota com os meus alunos, a cada semana dando aula, o ato de aprender a utilizar as vias de comunicação digital, que são vistos por Pimenta (2005) como o saber da experiência e para Tardif (2002) como o saber experiencial. Ações essas que se agregaram as minhas experiências de estágio e que estão agora ancorados em minha prática docente e que serão levadas em minha formação como docente, pois como Freire (2009, p.25) afirma “os professores aprendem ao ensinar e os alunos ensinam ao aprender”, como estagiário tanto fui aluno que estava aprendendo a ensinar como fui professor que ensinei a partir de minha bagagem acumulada, a partir da identidade

profissional que construí por meio da vivência com a escola, com os indivíduos da instituição. Conforme Nóvoa, (1995, p. 16):

A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção e de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor. [...] É um processo que necessita de tempo. Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.

Em suma, a formação da identidade do professor caracteriza-se como um processo complexo que possui, por meio dos saberes docentes, uma fonte constante de subsídios para alavancar e manter o movimento necessário à sua progressão (BLOCK; RAUSCH, 2014, p.250).

4.3 O perfil de professor evidenciado por meio dos saberes

Juntamente com os saberes defendidos por Pimenta (2000), Tardif (2002) e Freire (2009) emergidos de minhas ações descritas no diário, pude evidenciar meu perfil de professor, que ficou transparente por meio de minhas ações e opiniões. Perfil esse que foi marcado por interferências de minha individualidade, pois minha forma de pensar e agir mudou, de processos estruturais e de dinâmicas institucionais (CAVACO, 1990, 1999).

Assim percebi que sou um docente, que estimula a relação de proximidade, de abertura, como os alunos, no momento em que eu deixo aberto em minhas aulas para esses perguntarem sobre qualquer dúvida que tenham, o que se pode ver na descrição de minhas regências do diário 6 até o 11 e que está sempre procurando por novos conhecimentos, seja para o enriquecimento pessoal, seja para o processo de aprendizagem do estudante, já que sentei várias vezes para estudar, planejar, trazer coisas novas para os alunos nas aulas (podem ser vista do diário 6 ao 8) bem como quando me preocupei em tentar aprender a usar as ferramentas digitais de informação (diário 9), crítico e curioso (FREIRE, 1996), quando repenso minhas ações, busco sempre por trazer algo diferente nas aulas e tento entender toda a instituição escolar desde a observação da estrutura física até minha última regência na escola (diários 1 ao 11), estimulador do desenvolvimento autônomo do estudante (BRASIL, 2012 e WERNECK, 1992) no momento que ponho estes para pensar para responder as perguntas feitas por mim e crio neles o sentimento de ajuda ao próximo nas atividades em grupo (diários 6 ao 8) transmissor de conhecimento e criador de participação (GADOTTI, 1975), quando ponho o aluno para realizar as dinâmicas tanto individualmente como coletivamente e

questiono estes sobre os mais variados assuntos e ancoo novas informações as que eles já trazem para a sala de aula, saber renovar-se sempre que necessário e se auto organiza-se pessoalmente e profissionamente (MORAES, 2008), como se percebe nos diários 9 ao 11 onde passei a ter que dar aulas virtualmente e planejar aulas que fugiam totalmente de minha realidade já experienciada nos diário 6, 7 e 8.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a prática de escrever diários devem ser utilizadas por profissionais de qualquer área, principalmente os docentes como uma importante ferramenta pedagógica, pois estas possuem um grande potencial para que estes indivíduos possam compreender suas ações, evidenciar os saberes emergentes da sua prática e repensá-las no âmbito tanto profissional quanto pessoal tornando-se pessoas melhores e além disso se torna possível saber o perfil docente que lhe integra como profissional, pois suas ações remetem como você pensa. É nesse momento que a prática de escrever se insere, formando consigo sujeitos críticos, com identidade e perfis próprios.

Ao trabalhar com a narrativa (auto)biográfica, por meio da análise de meus diários de aula, busco despertar naqueles que irão ler este trabalho, o interesse repensar suas ações por meio de suas próprias narrativas, vivências e história, sempre tentando tirar o que há de melhor de suas experiências e incorporá-las ao seu ser, como maneira de construir sua identidade própria tanto no que diz respeito ao profissional como pessoal, já que cada indivíduo é único, tem sua própria maneira de pensar, agir e viver.

Como isso, passo a entender a importância que os registros de aulas passados pelo professor de estágios têm e mudo meu pensamento a respeito de que somente servem para avaliação e perder tempo. Assim, após realizar esse trabalho, passo a refletir que são de extrema importância pois, por meio destes registros pude compreender e relembrar de minhas ações realizadas nos estágios – já que como seres humanos nossa mente é falha e tende a esquecer das coisas com o passar do tempo - e repensar minhas ações tanto no que diz respeito ao profissional como pessoal.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, L. **EDUCAÇÃO REMOTA: ENTRE A ILUSÃO E A REALIDADE**. *Interfaces Científicas - Educação*, v. 8, n. 3, p. 348-365, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>. Acesso em: 07. mar. 2021.

ANESE NICOLA, Jéssica; PANIZ, Catiane Mazocco. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia. *InFor*, São Paulo/SP, v. 2, n. 1, p. 355-381, may 2017. ISSN 2525-3476. Disponível em: <<https://ojs.ead.unesp.br/index.php/nead/article/view/infor2120167>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. (1980). **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana.

BARREIROS, G.B.; GIANOTTO, D.E.P. **O diário de aula como instrumento de reflexão na formação inicial de professores de Ciências Biológicas**. *Formação docente*, Belo Horizonte, v. 09, n. 15, p. 33-56, ago./dez. 2016. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br> Acesso em: 01 de janeiro de 2020

BARROS, S. C.; LONGARAY, D. A.; QUADRADO, R. P. **Diários reflexivos: uma proposta de avaliação na formação inicial de professores de ciências e biologia**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS, 8, 2011, Campinas. *Anais...* Campinas: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2011, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0745-2.pdf>> Acesso em 12 de dezembro de 2020.

BITTAR, Thiago; LOBATO, Luanna; AMARAL, Leandro; LONGO, Elson. **Uma Abordagem para Gestão de Avaliações de Ensino Baseada em um Jogo Interativo de Tabuleiro: o Ludo Educativo Atlantis**. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (SBSI), 11. , 2015, Goiania. *Anais [...]*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2015 . p. 525-532. DOI: <https://doi.org/10.5753/sbsi.2015.5857>.

BLOCK, O.; RAUSCH, R.B. **Saberes Docentes: Dialogando com Tardif, Pimenta e**

Freire. Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas, Londrina, v. 15, n. 3, p. 249-254, out. 2014. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/ensino/article/view/493> . Acesso em: 12 mar. 2021.

BRASIL, Aurenildes. **O perfil do professor que estimula a autonomia no processo de aprendizagem.** Educação Física em Revista, Brasília, v.6, n.2, p. 1-12, 2012. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/3207/2109>>. Acesso em 02 de março de 2021.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional atualizada.** Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 03 de novembro de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é Covid-19.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020a Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em 07 mar. 2021.

CARDOSO, M. E. Identidade(s) e identidade(s) docente(s). **Jornal de Políticas Educacionais**, [S.l.], v. 4, n. 8, dec. 2010. ISSN 1981-1969. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/21830>>. Acesso em: 01 jan. 2021.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. **A utilização de Recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1, Ponta Grossa, 2009. *Anais do I SINECT*. Disponível em: http://www.sinect.com.br/anais2009/artigos/8%20Ensinodecienciasnasseriesiniciais/Ensinodecienciasnasseriesinicias_Artigo2.pdf . Acesso em: 06 mar. 2021.

CAVACO, M. H. **Ofício do professor: o tempo e as mudanças.** In: NÓVOA, A. et al. (Org.). **Profissão professor.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999. p. 157-191.

CAVACO, M. H. **Retrato do professor enquanto jovem.** Revista crítica de Ciências Sociais, Coimbra, v. 29, p. 121-139, fev. 1990.

CIEB. **Planejamento das secretarias de educação do Brasil para ensino remoto.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://cieb.net.br/wp-content/uploads/2020/04/CIEB-Planejamento-Secretarias-de-Educac%C3%A3o-para-Ensino-Remoto-030420.pdf>. Acesso em 07 mar. 2021.

CONNELLY, Michael; CLANDININ, Jean. Relatos de experiência e investigação narrativa.

COSTA, Jéssica Fernandes. **O papel da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem**. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2013.

CUNHA, Anabela de Jesus da. **A importância das atividades extracurriculares na motivação escolar e no sucesso escolar**. Dissertação apresentada para qualificação de Mestre - Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humana e Sociais, Porto, 2013.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 07 mar. 2021.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Didática e docência: aprendendo a profissão** - 4 ed., nova ortografia – Brasília: Líber Livro, 2014

FEIMAN-NEMSER, S. **Staff development and learning to teach**. In: ANNUAL MEETING OF THE EASTERN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION, 1982. Detroit. **Anais...** Detroit: AERA, 1982. p. 1-18.

FERNANDES, Osmarina Queiroz. VIEIRA, Alboni M. D. P. **Gestão Escolar Democrática: a percepção dos professores**. Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba, 2009. p. 7288-7300.

Ferreira PINTO, Vinicius; Paes VIANA, Adaisa; Amâncio OLIVEIRA, Antônia Elenir **IMPACTO DO LABORATÓRIO DIDÁTICO NA MELHORIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**. Revista Conexão UEPG, vol. 9, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 84-93. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514151729008> . Acesso em 05 de mar. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Aurino Lima e ACIOLY-REGNIER, Nadja Maria. **Contribuições de Henri**

Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educ. rev.* [online]. 2010, n.36, pp.21-38. ISSN 0104-4060. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000100003>. Acesso em: 05 de mar. 2021.

FORTUNA, T. R. **Jogo em aula: recurso permite repensar as relações de ensino aprendizagem.** *Revista do Professor*, Porto Alegre, v. 19, n. 75, p. 15- 19, 2003. Disponível em: <http://files.faculdadede.webnode.com.br/20000003137c3b38be4/Jogo%20na%20sala%20de%20aula%20T%C3%A2nia%20Fortuna.pdf> . Acesso em: 06 mar. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 26.ed. São Paulo: Paz e terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 47.ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Comunicação docente: ensaio de caracterização da realização educadora.** São Paulo: edições Loyola, 1975.

GALIAZZI, M. do C.; LINDEMANN, H. **O diário de estágio: da reflexão pela escrita para a aprendizagem sobre ser professor.** *Olhar de professor*, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 135-150, 2003.

GONÇALVES, J. A. M. **A carreira das professoras do ensino primário.** In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed.

HARTMANN, Andressa Corcete; MARONN, Tainá Griep; SANTOS, Eliane Gonçalves. **A importância da aula expositiva dialogada no Ensino de Ciências e Biologia.** Anais do II Encontro de Debates sobre trabalho, Educação e Currículo Integrado, 2019.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-62.

In: LARROSA, Jorge *et al.* **Déjame que te cuente.** Barcelona: Laertes, 1995.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia.** 4ª ed., São Paulo: Editora Edusp, 2008.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: _____. **La experiencia de la lectura.** Barcelona: Laertes, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIBERALI, Fernanda Coelho. *O diário como ferramenta para a reflexão crítica*. 1999. 179f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) — Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

LOUREIRO, M. I. **O desenvolvimento da carreira dos professores**. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto, Porto Editora, 1997. p. 119-159.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 1997.

MALLOY-DINIZ, Leandro; COSTA, Danielle; LOUREIRO, Fabiano; MOREIRA, Lafaiete; SILVEIRA, Brenda; SADI, Herika; SOUZA, Tércio; SOARES, António; NICOLATO, Rodrigo; PAULA, Jonas Jardim de; MIRANDA, Débora; PINHEIRO, Mayra; CRUZ, Roberto; SILVA, António. **Saúde mental na pandemia de COVID-19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento**. Debates em psiquiatria – ahead em print, 2020, p. 2-24.

MASSABNI, V. G. Os conflitos de licenciandos e o desenvolvimento profissional docente. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 37, n. 4, p. 793-808, 2011. DOI: 10.1590/S1517-97022011000400008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28302>. Acesso em: 12 jan. 2021.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUNES, CÉLIA MARIA FERNANDES. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. *Educ. Soc.* [online]. 2001, vol.22, n.74, pp.27-42. ISSN 1678-4626. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302001000100003>> Acesso em 01 janeiro de 2020.

OLIVEIRA, Maria Oliveira de. **Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa**. *Revista Lusófona de Educação*, v.27, n.27, p 111-126, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/reducacao/article/view/4833>> Acesso em 10 de janeiro de 2020.

P. B. Silva, José Luis y Fortuna de Moradillo, Edilson y (2002), "**Avaliação, ensino e aprendizagem de ciências.**" **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, Vol. 4, núm.1. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=1295/129523721003>. Acessado: 06 mar. 2021.

PEDROSO, S. M. D.; ROSSO, A. J. **Diários de bordo: uma proposta para a prática de ensino e estágio supervisionado.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED SUL, 27, 2004, Caxambu. *Anais...* Rio de Janeiro: Anped, 2004.

PERUCCHI, Valmira. **A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE CRICIÚMA - SANTA CATARINA.** Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, V. 4, N. 4, 1999.

PIETRO, R.G. **O diário como instrumento para a formação permanente do professor de educação física.** *Lecturas, Educación y Deportes, Revista Digital*, n. 9, v. 60, 2003. Disponível

em: <<https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/search/search?csrfToken=44361024083df08ddfc5378ca7fd1ad2&query=O+di%C3%A1rio+como+instrumento+para+a+forma%C3%A7%C3%A3o+permanente+do+professor+de+educa%C3%A7%C3%A3o+f%C3%ADsica>> Acesso em 01 de março 2021

PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2002.

Porlán, R. & Martín, José. (Orgs). (1997). **El diario del profesor – un recurso para la investigación en el aula.** Sevilla: Díada.

PORLÁN, R. **El Maestro como Investigador en el Aula. Investigar para Conocer, Conocer para Enseñar.** *Revista Investigación en la Escuela*, Sevilla, n. 1, p. 63-69, 1987. Disponível em: < <https://idus.us.es/handle/11441/59047>> Acesso em 08 de janeiro de 2020

RODRIGUES, L. **Da prática a teoria: uma experiência em Educação Básica.** 1987. 337 f. Tese (Doutorado em Educação)–Unisersidad Facultad de Ciências de la Educación, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 1987.

ROSITO, Berenice Álvares. O ensino de ciências e a experimentação. **Construtivismo e ensino de ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas**, v. 3, p. 195-208, 2003.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 07. mar. 2021

SCHÖN, D.A. **Educando o profissional reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artimed, 2000.

SHIGUNOV, V.; FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. **O percurso profissional dos professores de Educação Física nas escolas**. In: SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A. (Org.). **Educação Física: conhecimento teórico x prática**. Porto: Porto Editora, 2000. p. 141-170.

SILVA, M. C. M. **O primeiro ano de docência: o choque com a realidade**. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, 1997. p. 53-80.

SILVA, M.H.S.; DUARTE, M.C. **O diário de aula na formação de professores reflexivos: resultados de uma experiência com professores estagiários de biologia/geologia**. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, n. 1, v. 2, p. 73-84, 2001. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4173> > Acesso em 03 de janeiro de 2020.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, Maringá, 2007. *Arq. Mudi. Periódicos*. Disponível em: http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.df Acesso em: 07 mar. 2021.

SOUZA, Tatyane Pereira de. **O Ensino de Ciências e a Arte: traçando uma relação entre a atividade experimental e o desenho infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Fortaleza, 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, C.B. **Formação de professores: tendências contemporâneas**. *Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, Campo Largo, n. 3, v. 1, 2004. Disponível em:

<<http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/514> > Acesso em 03 de janeiro de 2020.

VASCONCELOS, Simão; LIMA, Kênio. **O PROFESSOR DE BIOLOGIA EM FORMAÇÃO: REFLEXÃO COM BASE NO PERFIL SOCIOECONÔMICO E PERSPECTIVAS DE LICENCIANDOS DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA**. Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v16n2a04.pdf>>. Acesso em 03 de novembro de 2019.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto Político-Pedagógico da escola: Uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1995.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. 11.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992

WOLF, Mariângela Tantin & CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves. Regimento Escolar de Escolar Públicas: para além do registro de normas. Disponível em: www.diaadiaeducaçao.pr.gov.br/portal/ped/arquivos/216-4.pdf. Acesso em: 06 de mar. 2021.

ZABALZA, M.A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ZEICHNER, K.M. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 29, v. 103, p. 535-554, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200012>.> Acesso em: 05 de janeiro de 2021.

7. APÊNDICES

DIÁRIO 01 27/08/2019

Hoje iniciei meu estágio na escola Manoel Senhor de Melo Filho, localizada na comunidade de Justiniano de Serpa, pois o estágio é um momento de grande importância para a formação profissional do futuro educador (SILVA, 2005). Ao entrar na escola me deparei com um casal de jovens namorando. Logo de cara, me assustei, pois na escola não permitem “ficas” ou namoros à clara, somente fora dos portões da escola, mas continuei meu caminho até a direção para entregar meu contrato de estágio. Chegando lá não encontrei o diretor e fui logo atrás do coordenador Y (que resolve mais problemas burocráticos da escola que o próprio diretor). Ao encontra-lo falei sobre meu início de estágio e este me direcionou a sala dos professores para conhecer o professor Cristiano, docente de Biologia.

Na sala dos professores tive meu primeiro contato com o X, onde me apresentei falando meu nome, o que eu iria desempenhar e que seria o novo estagiário da escola. Logo após, conversamos sobre qual era a sua metodologia de ensino, o que ele tinha planejado para o semestre, sobre eu fazer observações de suas aulas e quais conteúdos poderia trabalhar nas minhas regências. Assim, decidi de primeira mão acompanhá-lo ao 1º ano C para fazer a observação e logo começar a criar um vínculo afetivo (FERREIRA; ACIOLY-RÈGNIER, 2010) com os alunos, pois estes vínculos poderão ser de grande valia para o meu estágio.

No mesmo dia fui a sala do 1º ano C para observar a aula do X sobre “Evidências da Evolução”. Ao entrar na sala de aula, logo de cara percebi uma gritaria e descontrole dos alunos. Não sei ao certo o motivo, mas acredito que seja devido ter alunos novatos na turma e ser seu primeiro ano na escola. O que segundo os professores é uma prática comum e que os alunos só melhoram a partir do segundo ano.

A aula deu-se início com o professor copiando no quadro um resumo da matéria que abordava os seguintes tópicos: fósseis, biogeografia, anatomia comparada e evidências moleculares. Quando terminou de copiar no quadro deu um momento para os alunos copiarem em seu caderno. Nesse momento uma menina morena, dos cabelos compridos, começou a falar vários palavrões com um menino sentado à sua frente. Até ameaças de bater no pobre garoto ela fez. No outro extremo da sala, mais precisamente ao lado da porta, havia duas meninas escutando funk pesadão as alturas, incomodando a mim e alguns outros alunos. Desse incidente, em minha opinião é uma falta de respeito não somente a mim que estava observando a turma quanto também ao professor, que de alguma maneira está em pé na frente

da sala tentando ensinar algo os alunos. Eu nunca, não que me lembre passei por uma situação dessa.

A turma demorou mais do que o esperado para terminar de copiar e o professor não tendo muito tempo, começou a explicar o assunto. Em algumas partes da explicação o professor foi interrompido por brincadeiras dos alunos, mas mesmo com esses impasses conseguiu terminar o assunto.

Após o término da explicação passou uma atividade para os alunos elaborada pelo professor, pois o mesmo não gosta das atividades propostas pelo livro didático, o que eu achei bem legal. Essa atividade consistia em 7 questões pesquisadas que valia 1 ponto (alternativa encontrada pelo professor para ter a participação de todos os alunos), uma maneira encontrada pelo professor de avaliar os alunos. Quando esses terminavam sua tarefa se dirigiam ao Cristiano para passar o visto e esse anotar o ponto. Quando todos terminaram não houve uma correção com os alunos da atividade, mesmo ainda tendo tempo para fazê-lo. A falta de correção das atividades é uma maneira ruim de fazer com que o aluno aprenda melhor, pois assim ele não terá a oportunidade de tirar dúvidas que surgirem e nem de consertar os erros, para assim aprender de forma correta. Assim, segundo (LIBÂNEO, 1994) a avaliação pode ser definida como componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes como objetivos propostos, e daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.

O intervalo tocou. Aproveitei para analisar as salas de aula. Na escola se tem apenas 4 salas de aula, onde umas estão em melhores condições de uso. Por exemplo, há uma sala com dois ares condicionados que prestam, ventiladores, quadro branco super limpo. As demais salas possuem um ar condicionada cada, mas que estão quebrados, suporte para ventilador, mas sem ventilador. Todas as salas possuem portas e janelas de vidro, o que dá uma boa iluminação.

Nesse dia pude perceber algumas coisas. Primeiro, a escola não tendo uma das melhores estruturas física tenta fazer ser máximo para um ensino de qualidade. Segundo, encontrei alunos que não querem nada na vida e estão na escola por terem sido obrigados pelos pais, e outros que precisam apenas de uma atenção, conversa para serem entendidos. Terceiro, o professor é muito tradicional no que diz respeito suas aulas, assim não tendo a mente aberta para novas possibilidades de aulas que não seja usar o quadro branco. Tudo isso me levou a concluir que as salas de aulas não são boas o suficiente para trazer conforto para que os alunos possam aprender melhor e nem abarcar a quantidade desses e que o professor não se importa de ter uma conversa com os alunos para saber a opinião desses sobre suas

aulas e como eles acham que a aula poderia ser melhor. Assim, os alunos são desmotivados a tentar aprender e por isso fica.

Se eu fosse o professor faria uma conversa com os alunos da sala e escutaria destes alunos alternativas de como melhorar a aula. Perguntaria como eles gostariam de aprender, o que querem aprender e etc.

DIÁRIO 02 02/09/2019

Mais um dia se passou, e na escola estou de novo. Hoje decidi observar a estrutura física da escola, onde me atentei nos seguintes aspectos: sala dos professores, cantina, pátio, banheiros, direção, secretaria, almoxarifado, local onde se encontra as salas de aula, bem como um projeto chamado “Projeto de vida”.

No primeiro momento observei o tamanho da escola, que por sinal tem um espaço pequeno para a quantidade de alunos e funcionários presentes e em seguida observei os espaços em que é dividida. A escola é dividida por um corredor em dois ambientes: um onde se encontra as salas de aula e a direção e o outro o pátio que dá acesso aos banheiros, cantina, biblioteca, sala dos professores e secretaria.

No ambiente das salas encontra-se um corredor feito de cimento que está cheio de buracos, que acredito que seja pelo tempo que tem e um bebedouro que para ficar em pé tem o auxílio de tijolos. Esse corredor divide o espaço em dois lados: o direito se encontra a diretoria e duas salas de aula e o esquerdo duas salas de aula e um almoxarifado (interditado no momento). A diretoria é dividida em uma sala de espera que contém cadeiras e um ventilador de paredes e uma sala onde fica o diretor, que tem mesa, birô, armários, ar condicionado.

No pátio se encontra a cantina que possui um fogão industrial, pia, três freezers (usado para conservar os alimentos), panelas e coisas afins. A parte principal do pátio é onde os alunos lancham nos intervalos e possui um bebedouro, mesas e cadeiras de plástico (acredito que não tenha o suficiente para todos os alunos de uma vez). Essa parte principal é sustentada por canos que segura a viga principal de sustentação.

A sala dos professores é pequena para a quantidade de docentes presentes diariamente. Esta sala tem uma mesa que cabe 11 cadeiras acolchoadas, uma geladeira duplex (o freezer está com defeito), três armários de ferro, dois banheiros (um feminino e um masculino), um micro-ondas, uma impressora enorme, um geláqua, 2 pcs, 3 birôs e um ventilador decadente, possui ainda janelas de vidro. Me lembrei, que tem um ar condicionada da marca midea que funciona quando quer.

A secretaria é bem pequena e só trabalha duas secretárias. A sala contém algumas cadeiras, 2 pcs, alguns armários que servem para guardar documentos referentes aos alunos. O almoxarifado, local denominado assim por mim, é uma sala onde se encontra fios, extensões, escadas, tintas e coisas afins e que fica próxima dos banheiros femininos e masculinos dispostos à serviço dos alunos. O almoxarifado ainda fica perto de um corredor com calçada que dão acesso as salas de aula, onde se encontra algumas espécies de plantas que dão uma cor ao ambiente.

Para Lima e Vasconcelos (2010, p. 324) a realidade encontrada hoje nas escolas é desfavorável a uma educação de qualidade, ou seja, ensinar torna-se uma tarefa árdua para o professor que, segundo os autores, pode encarar em seu cotidiano as seguintes situações:

Superlotação nas salas de aula, desvalorização do profissional, e defasada estrutura física, metodológica e didática nas escolas instiga o docente a (se) questionar: "como" fazer e "com que" fazer educação, adequando-se à proposta projetada pelos parâmetros curriculares e pelo mercado de trabalho? Afinal, as escolas - especialmente da rede pública - constituem-se de alunos marcadamente heterogêneos cultural e socialmente, o que requer do professor de Ciências o uso equilibrado de conceitos, de técnicas (competências) adequadas à comunidade; e dos seus instintos de educador (habilidades).

Assim, França (1994 citado por ELALI, 2003) complementa esse pensamento quando fala que o componente arquitetônico (estrutural) das escolas aproxima-se de uma contingência, um espaço delimitado, em contraposição aos princípios pedagógicos, cuja preocupação é o processo de ensino e aprendizagem, objeto particular das unidades escolares. É importante considerar que para a ocorrência da qualidade deste processo de ensinar e aprender é fundamental existir certa harmonia entre os dois componentes: a arquitetura e o pedagógico. Uma vez que, sem essa harmonia outros fatores aparecem e interferem no desenvolvimento didático dos alunos, o que chamamos de condições ambientais da classe: acústica, temperatura, insolação, ventilação e luminosidade, as quais podem refletir-se em fatores tão diversos como a sociabilidade dos usuários, seu desempenho escolar e mesmo em sua saúde. (SOMMER, 1973 citado por ELALI, 2003)

No segundo momento após o intervalo fui assistir ao Projeto de vida, um projeto contratempo da escola onde os alunos podiam falar suas histórias de vida, que não vem ao caso descrevê-la aqui. As histórias eram tristes ao ponto de me fazer chorar, aliás não só eu, mas alunos e professores presentes, como por exemplo: casos de abuso sexual por parte de padrasto e com o pleno conhecimento da mãe, crianças que foram obrigadas a se casar em plenos doze anos para reduzir o gasto familiar etc.

Hoje, nessa observação alguns sentimentos afloraram em mim, tais como, raiva, pena,

culpa por não poder fazer nada que esteja a meu alcance para mudar a situação dos alunos. Assim, mesmo não tendo uma estrutura das melhores, os professores e a gestão escolar como um todo tenta conhecer os alunos, pois mais que professores, educadores estes fazem o papel de pais dessas crianças dentro da escola.

Como um futuro professor, vejo que tenho um longo trabalho pela frente, pois muitas vezes além de ser educador precisarei ser um pai para meus alunos em alguns momentos. E nada melhor para desempenhar tais papéis é conhecendo meus futuros alunos, e me lembrar que como eu ou você eles são seres humanos e como todos as vezes precisam serem notados de alguma maneira.

DIÁRIO 03 03/09/2019

Nesse dia decidi observar os ambientes pedagógicos e a avaliação parcial de Biologia do 1º ano C.

No primeiro momento conversei com o coordenar Y para saber quais laboratórios existiam na escola e se seria possível olhá-los. Bem-educado, Y me deu as chaves do único laboratório ali existente, o de informática. Neste laboratório, que também é utilizado como sala de vídeo, tinham como ferramentas: 2 Tvs de 43 polegadas com entrada para pen drive e HDMI, 10 computadores, 10 mesas, 10 cadeiras de plástico e um único ar condicionada que funciona normalmente.

Após essa observação voltei à sala dos professores para conversar com o X sobre quais ações eles tomaria na aula com o 1º ano C. Ele me falou que aplicaria a avaliação parcial e em seguida para não deixar os alunos dispersos após o término da prova iria passar algumas questões do livro didático sobre a unidade trabalhada até o momento. Logo de imediato, pedi uma cópia da prova e me dispus a resolver. A prova tinha 5 questões, sendo uma delas subjetiva e as demais objetivas. Quando chegou em sala X fez uma revisão rápida sobre os conteúdos que foram trabalhados até o dia da avaliação parcial, mas percebi que essa “rápida revisão” era basicamente dando as respostas de cada questão contida na prova.

Quando deu o horário da aula me dirigi para a sala do 1º C com o professor. Chegando lá ajudei-o a distribuir a prova e supervisionar a turma. De cara vi que alguns alunos estavam colando e avisei ao professor, que não fez nada a respeito. Os minutos se passaram e deu o horário de recolher a avaliação. Nove questões do livro didático foram passadas. Imediatamente alguns grupos de alunos estavam tendo dificuldades nas questões, que por sinal, eram mal elaboradas em minha humilde opinião. Continuei assim até o intervalo chegar.

Quando a sirene tocou, saímos da sala e fomos merendar. A merenda era macarronada

e estava com um cheiro delicioso, mas não posso falar a mesma coisa do gosto. Após o intervalo me dirigi a biblioteca que funciona o dia inteiro para observá-la, para isso falei com Z, o bibliotecário da escola responsável pelo nivelamento em matemática dos alunos e preparatório ENEM. A ele perguntei qual era a média diária dos alunos que iam na biblioteca. Como resposta obtive em torno de 6 ou 7, e que para Z era o recorde da escola. No que diz respeito a estrutura da biblioteca, essa contém um grande espaço com um enorme quadro branco e 15 mesas dispostas no centro da sala rodeada de 15 cadeiras. Além disso, tem 14 armários destinados aos livros didáticos da escola divididos por área/matéria e outros 5 armários para outros gêneros de livros, tais como: quadrinhos, revistas, literatura estrangeira e brasileira, educação religiosa, jogos educativos etc. Esta biblioteca não possui ar condicionado, ventilador, mas contém uma ótima ventilação e iluminação. Toda essa gama de livros e um espaço agradável é de suma importância no ambiente escolar, pois a biblioteca escolar deve ter papel de destaque no processo educativo, devido as várias informações e materiais que pode oferecer (PERUCCHI, 1999), uma vez que é geralmente a primeira e a única, conhecida pela maioria das crianças das classes populares que frequentam as escolas. Levando em consideração este fato, SEMÃO, SCHERCHER, NEVES (1993: 13) menciona que a biblioteca escolar precisa ser ativada a fim de que possa atrair, além dos professores, os pais, os alunos, enfim, toda a comunidade à qual a escola está vinculada.

No que diz respeito aos ambientes pedagógicos concretizei algumas opiniões próprias. Sobre os laboratórios, acho super ruim ter apenas o de informática e a escola não pensar que as demais áreas também precisam de um espaço para aplicar na prática aquilo que se ver na teoria. Além disso, os laboratórios são um espaço onde os alunos podem fazer ciência e experiências que agreguem os seus conhecimentos. Sobre a biblioteca, percebi que essa não é valorizada pelos alunos, mesmo o bibliotecário tentando criar artimanhas que mostram a importância da leitura na vida de qualquer indivíduo. Por fim, sobre a avaliação parcial, acho que o professor duvida da capacidade mental dos alunos, pois a prova estava muito fácil e não tinha se quer itens que dessem dúvidas aos alunos. Vendo isso, como um futuro professor em formação, é um exemplo de algo que não levarei em minha vida profissional, pois acredito que se deve levar em consideração a bagagem trazida pelos alunos e em cima desta agregar mais conhecimentos.

DIÁRIO 04 16/09/2019

Ao chegar na escola me direcionei a sala dos professores como os demais dias. Sentei a mesa, peguei o caderno, telefone, caneta e dei início a leitura e análise do Projeto Político

Pedagógico (PPP) da escola. O PPP é tido como a identidade da escola e indica os caminhos para ensinar com qualidade.

O telefone utilizei como ferramenta de leitura para ler o arquivo do PPP que estava em formato digital. A leitura do mesmo teve duração de 3 horas, pois fiz uma análise minuciosa de 70 páginas. No decorrer da leitura do PPP marquei alguns pontos que em minha opinião são de total relevância, pois está no PPP e não é seguido pela escola.

Dos pontos marcados dei foco em alguns tópicos apontados no PPP, mas por meio de uma conversa com o coordenador pedagógico descobri que a escola não faz as ações que estão escritas no PPP. O primeiro tópico analisado foi os valores, onde a escola diz que dá qualidade, equidade, transparência, ética, eficácia, valorização dos jovens e participação dos mesmos. Dos valores apontados aqui, quase nenhum é posto em prática, pois a escola deixa tudo por debaixo dos panos, não informando nada a ninguém sobre as decisões tomadas, assim não sendo transparente. Além disso, a escola está caindo aos pedaços, não tendo uma estrutura boa e nem orçamento para melhorar o ensino e o ambiente escolar.

O segundo ponto foi o desenvolvimento de projetos científicos, que no PPP a escola assegura que alunos junto com os professores faz tais projetos com o intuito de inserir os alunos no ramo da Ciência. Essa realidade é um conto de fadas contado para crianças dormirem. No mundo real essa realidade é impossível na atual conjectura da escola, pois falta recursos, materiais e estrutura para tal feito.

O terceiro ponto foi a imagem positiva da escola, onde no PPP a escola é colocada com uma entidade de alto nível, com índices altos de aprovações no ENEM e SPAECE. O que ninguém sabe é que a verdadeira imagem é escondida por baixo de uma máscara, pois o PPP não é atualizado desde 2017, mesmo sendo um dado recente a situação e resultados cabíveis a escola mudou bastante, o que se torna compreensível se ter uma reconfiguração do PPP.

O quarto ponto é o aumento da matrícula, onde a escola diz que teve um aumento percentual de 50% ao ano, mas isso é impossível, uma vez, que a escola não tem salas de aula e estruturas para abarcar essa quantidade de alunos.

Ainda sobre o PPP, os professores possuem o conhecimento da existência desse, mas estes conhecimentos são vagos. Como tal acesso é limitado e escasso quase nenhum professor trabalha os valores e objetivos presentes no PPP, pois além de não terem o conhecimento para isso, não possuem o tempo preciso, uma vez, que a escola cobra em excesso dos mesmos para cumprir os prazos estipulados, assim não existindo uma escola democrática como visa o PPP.

A partir da descentralização, pode-se promover a gestão cooperada, permitindo a participação de todos os indivíduos “da” e “na” escola. Participando e sentindo-se parte da instituição escolar, os indivíduos transformam-se em sujeitos e ao se sentirem

sujeitos, lutam para que a escola realmente responda às necessidades da sociedade e não simplesmente sirva como órgão em prol da manutenção do sistema. (FERRARI, 2011. p. 166).

Conversando com a professora de Inglês, descobri por meio dela que muitos professores a incluindo pediram acesso a documentos da escola, mas que foi negado por parte da gestão escolar. Quando falei que tinha conseguido acesso ao PPP e ao regimento escolar, a professora ficou surpresa, pois os professores são vetados desse acesso. Essa atitude vinda da escola é totalmente desnecessária, pois se os professores tiverem acesso ao PPP, com é de direito, estes podem lutar para melhorar a educação dos alunos por meio do que se espera dentro do próprio PPP.

Por fim, o PPP foi elaborado pelo Coordenador Pedagógico Y. A escola possui uma cópia impressa e uma digital e quase ninguém tem acesso, ficando somente com a gestão escolar: coordenadores, diretor (a) e secretaria.

Esse dia foi muito perturbador para mim, pois nunca pensei que a escola fosse capaz de tentar encobrir os erros e as coisas que deveriam colocar em prática dos próprios funcionários do estabelecimento. É fácil de imaginar essa situação sendo escondida para o acesso externo fora da escola. Eu, como um futuro professor e possivelmente um futuro diretor escolar, não vou seguir esses feitos que presenciei no meu estágio. Deixarei claro que quereirei acesso ao PPP caso seja o professor, para assim trabalhar em cima do que se tem escrito neste. E se eu for o diretor de uma escola farei questão de disponibilizar uma cópia para cada professor, funcionário e comunidade que queira o acesso ao PPP, pois isto é um direito, não um favor.

DIÁRIO 05 17/09/2019

No meu último dia de observação decidi fazer uma análise do Regimento escolar evidenciando alguns pontos que são discrepantes com a realidade da escola. Também observei o conteúdo novo dado pelo X, que foi Ecologia.

No primeiro momento fiquei na sala dos professores (local mais calmo e confortável da escola) para ler o Regimento escolar. Para tal atividade utilizei o telefone, caneta e caderno. A leitura do Regimento demorou menos do que eu esperava, pois foram um total de 30 páginas. Quando acabei a leitura destaquei alguns pontos.

O Regimento Escolar tem a função primordial de normatizar o funcionamento interno do Estabelecimento Educacional e irá regulamentar todo o trabalho pedagógico, administrativo e institucional com base nas disposições previamente estudadas e implementadas para cumprimento de todos os envolvidos nas atividades escolares. (LDB 9394/96).

O primeiro ponto foi os princípios que o ensino na escola segue. Dentro dos princípios, os mais discrepantes que percebi foram: 1) liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar cultura (os alunos não possuem esse direito, pois dentro e fora de sala de aula esses possuem sua liberdade de expressão vetadas, uma vez, que estes só possuem a função de ouvir e entender como verdade absoluta o que os professores e a gestão escolar ensina e diz); 2) valorização das experiências extracurriculares (os alunos não possuem atividades extracurriculares, se resumindo uma semana dentro de sala de aula escutando o que o professor diz). Vale lembrar que tais críticas se fundamentam na disciplina de Biologia e nas ações da gestão escolar percebi por mim.

No segundo momento fui para a sala de aula com o X. A aula aconteceu no 1º C e o tema trabalhado foi “Princípios básicos de Ecologia”. Como nas outras aulas o método abordado pelo professor foi: fazer um resumo no quadro, os alunos copiarem, o professor explicar o que escreveu no quadro, atividade.

Os tópicos trabalhados pelo X foi: definição de ecologia, níveis de organização, nicho e hábitat. Quando terminou de explicar, alguns alunos tiveram dúvidas sobre o conceito de nicho e hábitat, mas o que o professor simplesmente falou foi o seguinte “quando você fizer uma leitura do capítulo para responder a atividade que vou passar, você passará a entender”. Na hora fiquei chocado com tal atitude do professor. Enquanto este escrevia a atividade no quadro elaborada por ele, me dirigi aos alunos que estavam com dúvidas e falei: “não liga pro que o X disse, ele deve está com um dia ruim. O que você não entendeu sobre nicho e hábitat?”. Respondi o mais simples que consegui aos alunos sobre o conceito e exemplos de nicho e hábitat. Como resposta dos alunos recebi um “obrigado, agora eu entendi!!!”.

Após o término da atividade, mais uma vez X não fez uma correção dessa com a turma, e assim ele não teve como saber o quão os alunos entenderam o assunto e se ainda restavam dúvidas. Vendo tais atitudes, percebi que não quero tomar algumas ações de Cristiano, tais como: não tentar mudar a metodologia de ensino, passar atividade e não fazer correções com a turma, e nunca em nenhuma hipótese deixar de sanar as dúvidas de meus futuros alunos. Quando me tornar um professor sempre tentarei adequar minha metodologia com a necessidade de meus alunos, inicialmente ouvindo opiniões desses em como eles acham interessante a aula e sempre que possível trazer algo novo. Além disso, sempre que passar qualquer atividade, sempre corrigir e tentar tirar todas as dúvidas pertinentes dos alunos.

Por fim, sobre o Regimento escolar acho uma hipocrisia por parte da escola de colocar princípios tão significativos e importantes para o ensino em seu Regimento e não os cumprir.

DIÁRIO 06: 01/10 E 08/10

No dia 01/10 die início as minhas regências. Para a aulas que vai e irá se suceder combinei com o professor que iria trabalhar o conteúdo de ecologia. O primeiro assunto trabalhado nos dias 01 e 08 de outubro foi o de “Relações tróficas”.

Para trabalhar com esse tema escolhi fazer uma aula expositiva dialogada, tendo por base o que propõe (FARIAS, 2014). Mesmo na escola existindo recursos tecnológico se o professor deixar a meu alcance, decidi que não utilizaria em minhas regências.

Para me auxiliar na explanação do conteúdo em sala fiz um esquema no quadro branco. Algumas vezes os alunos não entendiam algum conceito e eu voltava a repetir com outras palavras para tentar simplificar o entendimento do aluno. Quando terminei de abordar o conteúdo, distribui um mapa conceitual que tinha algumas lacunas para serem preenchidas acerca do conteúdo dado em sala. Por hora decidi deixar esses preencherem sozinhos as lacunas, mas não deu muito certo, pois não estavam entendendo a atividade.

Como um futuro professor, expliquei novamente como seria a atividade e decidi fazer juntamente com os alunos. Assim, resolvi todas as 15 lacunas existentes. Quando terminei essa atividade, faltava em torno de 15 minutos para o intervalo. Nesse período de tempo deixei os alunos livres conversarem entre si. Pedi aos alunos que me avaliassem dando uma nota de 0 a 10 e o que acharam de legal na aula e o que eu poderia melhorar.

No dia 08/10 a aula seguinte dei continuidade ao conteúdo, fazendo uma dinâmica com os alunos. A dinâmica consistia em montar uma teia alimentar na sala, na qual os próprios alunos representavam um nível trófico dentro de várias cadeias alimentares. Para a construção da teia trófica dei a cada aluno uma placa que representava um nível trófico e com o auxílio de um barbante, onde a ponta do barbante era dada ao primeiro nível trófico da cadeia O PRODUTOR, e ia passando a cada nível trófico até que uma cadeia estivesse montada. E esse procedimento ia se repetindo até montar todas as possibilidades existentes de cadeias.

Essa dinâmica teve duração de mais ou menos duas horas, pois foi montado 8 cadeias diferentes. E a cada nível que ia aparecendo foi explicado a relação e a importância deste nível. No fim da dinâmica pedi aos alunos que me avaliassem dando uma nota de 0 a 10 e o que acharam de legal na aula e o que eu poderia melhorar.

DIÁRIO 07: 22/10 E 29/10

Nestes dias os conteúdos trabalhados foram “Pirâmides ecológicas” e “Relações ecológicas”, nos dias 22/10 e 29/10 respectivamente. Como as minhas demais aulas resolvi abordar o método expositivo dialogado proposto por (FARIAS, 2014).

No dia 22/10 comecei a aula fazendo um esquema no quadro branco com os três tipos de pirâmides (biomassa, números e energia) e suas respectivas características. Em todas as pirâmides os alunos tiveram dúvidas, e eu como o professor da aula tentei ao meu máximo explicar da forma mais simples possível as dúvidas, para que assim todos conseguissem entender.

Quando terminei de dar o conteúdo, fiz uma atividade com os alunos. A atividade consistia em construir pirâmides ecológicas, no caso, uma pirâmide para cada uma das que foram abordadas na aula. Para a construção dessas pirâmides, dei a cada aluno um envelope com peças que quando colocadas no lugar certo montava uma pirâmide, seja ela de biomassa, energia ou números.

No fim, quando terminaram a atividade, sobrou bastante tempo até a hora do intervalo. Para não os deixar dispersos passei uma série de questões no quadro que foram corrigidas e comentadas por mim antes do fim da aula.

No dia 29/10 o conteúdo trabalhado foi o de “relações ecológicas” e como é um tema bastante visual, decidi utilizar o método de aula expositiva dialogada com o auxílio de um slide, previamente feito por mim e um data show. Comecei a aula fazendo uma comparação entre as relações existentes nos ecossistemas com as relações existentes em uma empresa. Após os alunos entenderem o sentido e a importância das relações parti para destrinchá-las uma por uma com o auxílio de imagens. No caso, abordei as que o livro didático usado pelos alunos trazia, mesmo sabendo que existem outros tipos de relações que ali não foram comentadas.

Quando terminei de dar o conteúdo dividi os alunos em equipes. Cada equipe recebeu um envelope com cartas que continha imagens, definições e tipo de relações. Nesse momento, eu passei pelos grupos para saber se existem dúvidas sobre o jogo ou sobre o assunto. Quando todos os grupos terminaram foi feita uma correção do jogo com a participação da turma.

DIÁRIO 08: 05/11 E 12/11

Neste dia o conteúdo trabalhado foi o de Ciclos Biogeoquímicos. Este conteúdo por apresentar muitos detalhes e ser extenso foi dividido em 2 aulas de 2 horas de duração cada. No dia 05/11 foi dado os ciclos da água, nitrogênio e fósforo. No dia 12/11 foi dado os ciclos do oxigênio e do carbono juntamente com um jogo. Em todas as aulas me baseei em uma aula

expositiva dialogada, proposta por (FARIAS 2014).

No dia 05/11 fiz um mapa mental dos três primeiros ciclos e expliquei os processos e etapas existentes. Deste, o mais difícil dos alunos entenderem foi o do nitrogênio, pois era o que tinha mais detalhes e várias etapas que estavam ligadas a outras etapas que se complementavam.

Quando terminei de abordar os ciclos, tirei todas as dúvidas existentes dos alunos. Em seguida dividi esses em equipes de 3 integrantes e entreguei três imagens dos ciclos estudados, mas a parte legal era que estava faltando partes que precisavam ser completadas. Os alunos como foram espertos pegaram os mapas que tinha feito no quadro e logo preencheram as lacunas.

No dia 12/11 ao chegar na sala dei continuidade ao conteúdo, e, desta vez abordei os ciclos do carbono e oxigênio. Com as outras aulas fiz um mapa mental desses dois ciclos, expliquei e tirei as dúvidas. Quando terminei fiz uma atividade com os alunos. Dessa vez era uma quis, que tratava de todos os ciclos estudados. Para deixar a atividade mais interessante, dividi a turma em duas equipes. O jogo ocorreu da seguinte maneira: haviam cartas com perguntas sobre os ciclos e 2 quebra cabeças, um para cada grupo. A cada rodada um grupo respondia uma pergunta e se acertasse ganhava aleatoriamente uma peça do quebra cabeça, e assim o jogo foi dando continuidade. Ganhava o jogo a time que primeiro completasse o quebra cabeça. No fim, ninguém conseguiu completar, pois o tempo foi curto, mas todos saíram ganhando por que como prêmio dei um bis a cada um.

DIÁRIO 09

No dia 17/08/2020 die início as minhas regências. Para a aulas que vai e irão se suceder combinei com o professor que iria trabalhar o conteúdo de fisiologia animal, dando foco na humana. O primeiro assunto trabalhado foi o de Locomoção e coordenação do organismo.

Nesse período de pandemia a escola optou por fazer aulas em EaD via google Meet e atividades pelo Google Classroom. Confesso que fiquei com receio e medo de fazer minhas regências de forma remota, pois o meu primeiro contato com as plataformas digitais foi as minhas aulas remotas na faculdade. Não sabia usar nenhuma, precisei me virar para aprender sozinho e com a ajuda de tutoriais presentes na internet. Como não tenho experiencia com esse tipo de situação as aulas não ocorreram como o imaginado, pois perdi conexão no meio da aula, a quantidade de alunos que apareciam não passava de 10, não consegui avalia-los para saber se entenderam o assunto.

Para trabalhar com esse tema escolhi fazer uma aula expositiva dialogada, tendo por

base o que propõe (FARIAS, 2014). Mesmo que uma aula em EaD o diálogo entre aluno e professor é uma das melhores maneiras de ensinar, já que juntos construirão conhecimentos novos.

Para me auxiliar na explanação do conteúdo online fiz um slide que tinha um esquema feito por mim que mostrava os componentes que atuam para a locomoção de um músculo. Algumas vezes parava a explicação e perguntava os alunos a respeito do que já tinha comentado para saber se estavam prestando atenção. Quando não entendiam, com um imenso prazer voltava a repetir. Quando terminei de abordar o conteúdo, repassei via WhatsApp o slide feito para a aula para auxiliar no estudo dos alunos e passei a atividade pedida pelo professor a respeito do assunto.

A atividade foi passada do livro didático na qual eles teriam que ler o capítulo de locomoção e elaborar 5 perguntas que seriam posteriormente repaasadas como revisão para a avaliação. O envio da atividade se daria no mesmo dia da aula via Google Classroom. No decorrer da execução da atividade fiquei online via WhatsApp até o término da aula para tirar dúvidas dos alunos, e por incrível que pareça não houveram dúvidas a respeito da atividade.

DIÁRIO 10

Neste dia o conteúdo trabalhado foi “Coordenação hormonal”. Como as minhas demais aulas resolvi abordar o método expositivo dialogado proposto por (FARIAS, 2014).

Para me auxiliar na explanação do conteúdo online fiz um slide que tinha um esquema feito por mim que mostrava os principais constituintes do sistema endócrino e suas vias de atuação, bem como as glândulas existentes e os tipos de hormônios produzidos. Algumas vezes parava a explicação e perguntava os alunos a respeito do que já tinha comentado para saber se estavam prestando atenção. Na aula dei enfoque ao controle da taxa de glicose no sangue e qual a importância de se ter um organismo equilibrado em açúcar dando como exemplos a diabetes do tipo I e II. A justificativa para tal foco, foi que nos jovens de hoje em dia se vê muito o consumo de alimentos e bebidas ricos ao extremo com açúcar, e que em quantidade exageradas podem trazer complicações para a saúde. Quando não entendiam, com um imenso prazer voltava a repetir. Ao terminar de abordar o conteúdo, repassei via o slide feito para a aula para auxiliar no estudo dos alunos e passei a atividade pedida pelo professor a respeito do assunto.

A atividade foi passada do livro didático na qual eles teriam que ler o capítulo de controle hormonal e elaborar 5 perguntas que seriam posteriormente repaasadas como revisão para a avaliação, além de responder 7 questões presentes no próprio capítulo. O envio da

atividade se daria no mesmo dia da aula via Google Classroom. No decorrer da execução da atividade fiquei online via WhatsApp até o término da aula para tirar dúvidas dos alunos, e por incrível que pareça dúvidas a respeito não surgiram.

DIÁRIO 11

Neste dia o conteúdo trabalhado foi o de “Coordenação Nervosa”. Como as minhas demais aulas resolvi abordar o método expositivo dialogado proposto por (FARIAS, 2014).

Para me auxiliar na explanação do conteúdo online fiz um slide que tinha uma tabela feita por mim que mostrava os principais constituintes do sistema nervoso (tipos de células, funções e divisão), bem como um esquema de como se dava o impulso nervoso. Algumas vezes parava a explicação e perguntava os alunos a respeito do que já tinha comentado para saber se estavam prestando atenção. Na aula dei enfoque ao sistema nervoso humano, por ser mais próximo da realidade dos alunos e ser o foco principal pedido pelo professor. Quando não entendiam, com um imenso prazer voltava a repetir. Ao terminar de abordar o conteúdo, repassei via WhatsApp o slide feito para a aula para auxiliar no estudo dos alunos e passei a atividade pedida pelo professor a respeito do assunto.

A atividade foi passada do livro didático na qual eles teriam que ler o capítulo de coordenação nervosa e elaborar 5 perguntas que seriam posteriormente repassadas como revisão para a avaliação que aconteceria na semana seguinte. O envio da atividade se daria no mesmo dia da aula via Google Classroom. No decorrer da execução da atividade fiquei online via WhatsApp até o término da aula para tirar dúvidas dos alunos, e por incrível que pareça dúvidas a respeito não surgiram.